

LETÍCIA PARADELA DINIZ JUNQUEIRA

SINTAXE SUBLEXICAL E COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA DOS ADJETIVOS
EM -NTE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia submetida à
Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada
em Letras: Português-Inglês

Orientador: Profº Drº Alessandro Boechat de Medeiros

Rio de Janeiro,
2025

CIP - Catalogação na Publicação

J95s Junqueira, Letícia Paradelá Diniz
 Sintaxe sublexical e composicionalidade semântica
 dos adjetivos em -nte do Português Brasileiro /
 Letícia Paradelá Diniz Junqueira. -- Rio de Janeiro,
 2025.
 64 f.

 Orientador: Alessandro Boechat de Medeiros.
 Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
 de Letras, Licenciado em Letras: Português -
 Inglês, 2025.

 1. Sufixação. 2. Morfologia Distribuída. 3.
 Semântica Formal. 4. Estrutura argumental. I.
 Medeiros, Alessandro Boechat de, orient. II. Título.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LETÍCIA PARADELA DINIZ JUNQUEIRA

DRE: 121038491

SINTAXE SUBLEXICAL E COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA DOS
ADJETIVOS EM -NTE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Letras na habilitação Português/ Inglês.

Data de avaliação: 30/09/2025

Banca Examinadora:



NOTA: 10 (DEZ)

Prof. Dr. Alessandro Boechat de Medeiros – Presidente da Banca Examinadora

UFRJ



NOTA: 10 (DEZ)

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Quadros Gomes

UFRJ

MÉDIA: 10 (DEZ)

“Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!”

AGRADECIMENTOS

Minha maior gratidão é ao meu Deus, que faz infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos. Certamente, a Letícia adolescente que sonhava com o curso de Letras da UFRJ não tinha ideia do caminho lindo, longo e árduo que seria a graduação. Nessa estrada de erros, acertos, conquistas e transformações, a graça e a misericórdia de Deus foram reveladas de maneira intensa e constante. Me dando coragem, direcionamento, sabedoria, amadurecimento, consolo, força e paz em meio às situações desesperadoras, Ele permitiu que eu chegasse até aqui. E claro, Ele me abençoou grandemente através de pessoas, que me apoiaram e inspiraram, sendo fundamentais para a conclusão dessa etapa. A elas, sem as quais nada teria sido possível, dedico este trabalho e algumas pequenas palavras:

À minha avó Celia Paradela, que doou (e ainda doa) tantos de seus anos ao trabalho intenso e ao investimento na nossa educação. Que segue se dedicando a mim e a meus irmãos, orando e agindo em prol de nossa vida intelectual e, acima de tudo, espiritual. Que, contra sua própria vontade, foi uma das pessoas que me inspirou a seguir o caminho doloroso e apaixonante da docência. Obrigada por ter me ensinado - sempre de maneira **enfática**, pois essa é a sua maneira - a ser forte e corajosa e a deixar a luz de Jesus brilhar através da minha vida. Sigo tentando.

A meus pais, Marcelo e Rachel, pelo cuidado, apoio e segurança que têm permitido meu desenvolvimento acadêmico. Por vidas dedicadas a nós e a nossa família. Pelos primeiros ensinamentos e, mãe, pela primeira inspiração à carreira que compartilhamos. Pela paciência, pela torcida, enfim, por tanto amor: sei que “obrigada” não é suficiente. À minha querida avó Iza, também fundamental em toda a minha trajetória: sou grata pelo privilégio de conviver com você. Sempre presente e amorosa com cada filho, neto e bisneto – o que não é pouca coisa! -, obrigada por me ensinar, na prática, a alegria de amar e caminhar com Deus.

A Pedro e Clara, meu “big three”, os companheiros que Deus me deu, com quem compartilho as aventuras dessa vida. Sou grata por vocês existirem, grata por nunca ter tido medo de chegar em uma nova escola sem pelo menos um amigo, grata por Deus (e meus pais) terem atendido ao pedido da Letícia de seis anos e me dado uma melhor amiga, grata pelos 22 aniversários e infinitos acessórios, roupas e produtos de beleza compartilhados.

Bia e Mari, minhas melhores amigas, com quem tenho vivido anos tão significativos e dividido tantos desafios e conquistas: obrigada pelo apoio constante, pelas conversas e

desabafos, pelas caronas, pela presença e por gostarem de mim até no auge da adolescência. Minha vida é mais feliz por ter vocês ao meu lado, sonhando e alcançando sonhos juntas.

Um agradecimento gigantesco àqueles com quem pude compartilhar os dias intensos de faculdade, os amigos queridos cuja companhia tornava tudo mais leve. Well, meu parceiro de incontáveis aventuras. Erica, Ju, Noemi, Luana, Duda e Sofia, nosso grupinho de bandejões que cresceu e virou algo tão especial, não sei o que teria sido desses anos sem vocês! Gabi, que sempre me inspirou a ser uma pessoa, aluna e serva de Deus melhor e mais dedicada. Clara, cuja coragem, resiliência e dedicação tão amorosa e intensa aos estudos, família e amigos sempre me impressionaram. Sabrina e Vic, meninas queridas que renderam tantos momentos alegres pelos corredores da Letras (e além). Sou grata por cada encontro, risada, conversa, almoço/jantar no bandejão, passeio, desabafo, trabalho em grupo (os que fiz com vocês). As memórias que construímos estão entre as coisas mais lindas e valiosas que levo da graduação.

Aos amigos queridos de Koinonias, cultos jovens e retiros, que tanto oraram pelos desafios desse meu tempo universitário e torceram por mim. Deborah, mulher virtuosa, minha “irmã mais velha”, sempre disponível para ouvir aos desabafos mais variados e me aconselhar com amor e sabedoria. Malu, grande amiga, companhia amada de cinemas, praias, passeios e chás da tarde. Ana e Angélica, Geovanna, Lua, parceiras valiosas no serviço do Reino, respostas de oração, meninas queridas com quem a afeição e amizade foram instantâneas e inevitáveis. Bárbara(s), Rodrigo, Fernanda, Bruna, Tagore, Cláudio, Anderson, Duda, Taynah, Geison, Matheus, Luciano e Sarah: obrigada por partilharem a caminhada cristã comigo, vocês são presentes inestimáveis, evidência da infinita graça do nosso Deus. Alguns de vocês, inclusive, fazem parte desse trabalho, pois responderam à nossa consulta, muito obrigada!

Diego, amigo e pastor querido. Você é uma grande inspiração e referência que tenho na vida com Cristo. Obrigada pelos conselhos, pelo ensino, conversas e indicações de livros, pelo apoio, amor, orações, carinho e cuidado que remontam ao início da minha adolescência. Agradeço também a Cid e Dusi pelo papel central no aprofundamento da minha vida com Deus, através do pastoreio carinhoso, da exposição fiel da Palavra e das oportunidades de serviço.

Obrigada, CRU Letras, Vic e Maurício, por terem me acolhido no meu último ano de graduação e me dado a oportunidade de finalmente servir a Deus na Universidade, de maneira mais intencional e verdadeira.

A todos os amigos da Escola NAU - onde aprendi a ler e a ensinar -, agradeço pelos anos inesquecíveis e saudosos de imensurável aprendizado e amadurecimento. Ao CLAC

Inglês, por ter me dado a oportunidade e as ferramentas para me tornar uma professora. Sou imensamente grata a esses espaços de ensino, fundamentais para minha formação.

Agradeço ao Colégio Santo Amaro - eternizado em amor e memórias - pelas aulas e professores inspiradores, pelos anos de infância e adolescência vividos de maneira intensa e segura, sonhando à sombra de uma mangueira. No fim das contas, foi ali que eu amei tanto a sala de aula que escolhi nunca sair dela. Onde eu descobri o amor a Deus, às letras, aos livros, aos estudos e aos amigos.

Também agradeço à Universidade Federal do Rio de Janeiro e a todos os professores maravilhosos com os quais cruzei - dentro e fora da sala de aula - pelo ensino de excelentíssima qualidade e pela oportunidade de vivenciar um pouco da riqueza da universidade pública. Agradeço, em especial, ao Departamento de Linguística e Filologia pela oportunidade de ter sido monitora de Fundamentos da Análise Sintática nos últimos dois anos.

Ana Paula Quadros Gomes, professora e pesquisadora admirável: obrigada por ter aceitado ser a leitora crítica desse trabalho.

Agradeço também ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica que foi tão importante para a realização dessa pesquisa.

E finalmente: o professor mais legal da UFRJ é meu orientador! Dá pra acreditar? No auge dos meus 18 anos, me deslumbrei com as aulas de Fundamentos da Análise Sintática como nunca havia me deslumbrado com nada antes! Depois de meses emocionantes, percebi que eu tinha um novo sonho: estudar aquele negócio - com aquele professor - seja lá o que for. Quando eu fui falar com ele no final da aula, depois de longas conversas de encorajamento com minhas amigas, eu estava extremamente empolgada, mas morrendo de medo - assim como em boa parte dos primeiros meses de IC. O medo rapidamente se dissipou (apesar de nunca por completo), mas o encantamento e o desespero com a complexidade das teorias e análises tornaram-se novos e constantes assuntos para desabafos futuros com os amigos.

Tudo isso para dizer: obrigada, Alessandro, pelos 3 anos de IC, a parte mais incrível e divertida de toda essa graduação. Obrigada por ter me acolhido e me ajudado a encontrar um direcionamento (ainda que atrapalhado e iniciante) nos estudos linguísticos com tanta excelência, gentileza e bom-humor. Obrigada pelas aulas mais legais que eu já tive, pelas reuniões leves onde dúvidas assustadoras eram tranquilamente solucionadas, pela paciência, pelos congressos, pelos livros e autógrafos, pelas caronas, pelos incontáveis rabiscos de árvores e notações semi-compreensíveis e pelas ideias malucas. Obrigada por acreditar nos seus alunos (talvez a ideia mais maluca de todas). Que honra aprender com você!

RESUMO

JUNQUEIRA, L. P. D. **Sintaxe sublexical e composicionalidade semântica dos adjetivos em -nte do Português Brasileiro**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras: Português-Inglês) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

Os adjetivos em “-nte” do Português Brasileiro são derivados de bases verbais e raízes latinas. Os deverbais são formas ativas, pois os sintagmas nominais que modificam são interpretados como os sujeitos de seus verbos de origem. O sufixo forma adjetivos que podem ter uma leitura de propriedade, como (1) “João é um menino sorridente”, ou de evento em andamento, como (2) “João chegou sorridente”. A estrutura argumental do verbo de base parece influenciar na interpretação do adjetivo derivado, como aponta Duffield et. al. (2004) para o participípio presente do inglês, uma vez que predicados incoativos licenciam apenas a leitura de evento, enquanto os inergativos permitem ambas. Em (3) “água fervente”, a água não possui a propriedade de ferver, mas está passando pelo evento expresso pela estrutura verbal interna a “fervente”. Além disso, partindo da hipótese de que tais adjetivos possuem sintagmas verbais completos em suas estruturas - incluindo morfemas associados à interpretação e introdução de argumentos externos (Kratzer, 1996; Medeiros, 2010) - a impossibilidade da presença do argumento interno em casos como (4) *“o homem aterrorizante de mulheres” também é algo a ser investigado. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever o comportamento do sufixo “-nte” e a influência dos diferentes contextos em que ele ocorre. Utilizando a arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997) e as ferramentas lógico-matemáticas da Semântica Formal (Heim; Kratzer, 1998; Ferreira, 2019), propomos representações sintáticas e semânticas que explicam os dados coletados. Dessa maneira, buscamos contribuir para a análise e descrição do processo de formação de palavras morfológicamente complexas nas línguas naturais. Para isso, montamos um corpus através da consulta a dicionários online e realizamos dois testes de aceitabilidade com 40 e 46 falantes nativos do PB. Notamos, então, a baixa aceitabilidade da presença do argumento interno, a aceitabilidade de adjetivos com verbos de base transitivos/inergativos em ambas as leituras e a menor produtividade dos inacusativos/incoativos, os quais licenciam apenas a leitura de evento. Atribuímos as diferentes leituras às duas possibilidades aspectuais veiculadas pelo morfema Γ : genérico ou imperfectivo. ΓP , fruto da concatenação com a estrutura verbal, é tomado pelo adjetivizador realizado por /nt/. Quando o nó aspectual se concatena direto ao o vP, só é possível obter uma leitura de evento, já que não há sujeito a quem qualquer propriedade possa

ser atribuída. Em relação ao problema do argumento interno não saturado nas estruturas transitivas, propomos que tal contexto desencadeia um alossema de *v* que quantifica a variável de entidade (ver Medeiros, 2024).

Palavras-chave: composicionalidade semântica; estrutura argumental; formação de palavras complexas; Morfologia Distribuída; sufixação.

ABSTRACT

JUNQUEIRA, L. P. D. **Sintaxe sublexical e composicionalidade semântica dos adjetivos em -nte do Português Brasileiro**. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras: Português-Inglês) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2025.

The Brazilian Portuguese “-nte” adjectives are derived from bases that can be verbs or latin roots. The deverbal ones are active forms, since the nominal phrases modified by them are interpreted as subjects of their origin verbs. The suffix forms adjectives that can have a property reading, as in (1) “João é um menino sorridente”, or an ongoing event reading, as in (2) “João chegou sorridente”. The argument structure of the base verb seems to influence the reading of the derived adjectives, as noted by Duffield et al. (2004) concerning the English present participle, because the inchoative predicates only license the event reading, while unergatives allow both. In (3) “água fervente”, the water doesn’t have the property of boiling, but it is going through the event expressed by the verbal structure inside “fervente”. Furthermore, assuming the hypothesis that these adjectives possess complete verbal phrases in their structures - including morphemes associated to the interpretation and introduction of external arguments (Kratzer, 1996; Medeiros, 2010) - the impossibility of the internal argument in cases such as (4) *“(o homem) aterrorizante de mulheres” is also something worth investigating. Thus, this work aims to describe the behavior of the “-nte” suffix and the influence of the different contexts in which it occurs. Using the grammar architecture of Distributed Morphology (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997) and the logico-mathematical tools of Formal Semantics (Heim; Kratzer, 1998; Ferreira, 2019), we propose syntactic and semantic representations that explain the collected data. We thereby seek to contribute to the analysis of morphologically complex word formation processes in natural languages. For that, we gathered a corpus through online dictionaries and performed two acceptability tests with 40 and 46 native speakers of BP. We, then, noticed the low acceptance of the internal argument, the acceptance of adjectives derived from transitive/unergative verbs in both readings, and the low productivity of unaccusative/inchoatives, which only license the event reading. We attribute the different readings to the two aspectual possibilities of the Γ morpheme: generic or imperfective. ΓP , fruit of its merger with the verbal structure, is taken by the adjectifier realized by /nt/. When the aspectual node merges directly with vP, the event reading is the only possibility available, since there is no subject to attribute any property to. As to the problem of the unsaturated internal

argument of some transitive structures, we propose that this context triggers an alosseme of *v* that quantifies the entity variable (see Medeiros, 2024).

Keywords: semantic compositionality; argument structure; derivation of complex words; Distributed Morphology; suffixation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída	17
Figura 2- Estrutura argumental dos verbos no PB	19
Figura 3 - Teste de “sorridente” para leitura de propriedade.	30
Figura 4 - Teste de “sorridente” para leitura de evento em andamento.	31
Figura 5 - Teste de “intimidante” com argumento interno	31
Figura 6 - Aceitabilidade de “sorridente” para leitura de propriedade	32
Figura 7 - Aceitabilidade de “sorridente” para leitura de evento	33
Figura 8 - Aceitabilidade de “falante” para leitura de evento	33
Figura 9 - Aceitabilidade de “falante” para leitura de propriedade	33
Figura 10 - Aceitabilidade de “soante” para leitura de evento	34
Figura 11 - Aceitabilidade de “soante” para leitura de propriedade	34
Figura 12 - Aceitabilidade de “nascente” para leitura de evento.....	34
Figura 13 - Aceitabilidade de “crescente” para leitura de evento.....	35
Figura 14 - Aceitabilidade de “fervente” para leitura de evento	35
Figura 15 - Aceitabilidade de “fervente” para leitura de propriedade	35
Figura 16 - Aceitabilidade de “concluente” com argumento interno	36
Figura 17 - Aceitabilidade de “calmante” com argumento interno	36
Figura 18 - Aceitabilidade de “tranquilizante” com argumento interno	37
Figura 19 - Aceitabilidade de “fertilizante” com argumento interno.....	37
Figura 20 - Aceitabilidade de “aterrorizante” com argumento interno.....	38
Figura 21 - Aceitabilidade de “intimidante” com argumento interno.....	38
Figura 22 - Estrutura de “Pedro girou a manivela.”	41
Figura 23 - Estrutura dos verbos psicológicos italianos.....	52
Figura 24 - Estruturas de vP-shell e VP-shell para os verbos psicológicos ObjExp	53
Figura 25 - Estruturas locativas para os verbos psicológicos	55
Figura 26 - Estrutura de "o biscoito esfarelou"	59

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Natureza da base dos adjetivos em “-nte”	26
Tabela 2 - Leituras licenciadas pelos adjetivos deverbais.....	28

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 A MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	15
2.2 ESTRUTURA ARGUMENTAL EM MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA	17
2.3 A SEMÂNTICA FORMAL	19
2.4 JUSTIFICATIVA	22
3 METODOLOGIA	24
3.1 MONTANDO UM CORPUS	24
3.2 CONSULTA DE ACEITABILIDADE	29
4 RESULTADOS	32
4.1 AS DUAS LEITURAS	32
4.2 O ARGUMENTO INTERNO	36
5 ANÁLISE	39
5.1 O ITEM DE VOCABULÁRIO E SUAS REGRAS DE INSERÇÃO	39
5.2 ESTRUTURAS INACUSATIVAS E ALTERNANTES	40
5.3 ESTRUTURAS INERGATIVAS	42
5.4 ESTRUTURAS TRANSITIVAS	44
5.5 BASES NÃO VERBAIS	46
6 SOBRE OS VERBOS PSICOLÓGICOS	48
6.1 PRODUTIVIDADE E LEITURAS	48
6.2 REVISÃO DA LITERATURA	50
6.3 ANÁLISE	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	62

1. Introdução

Antecipo-me ao alvorecer do dia e clamo; na tua palavra, espero confiante. (Salmos 119:147)

O sufixo “-nte” do Português Brasileiro, cuja origem histórica remete à desinência latina de particípio presente, forma substantivos e adjetivos, a partir de bases variadas - em sua maioria, verbais. Em (1), abaixo, “estudante” é um substantivo (ou nome), ocupando o núcleo do sintagma nominal e sendo precedido pelo artigo (ou determinante) “o”. Já em (2), encontramos o adjetivo “deslumbrante”, modificando o nome “vestidos”. Finalmente, em (3) e (4), destaca-se a possibilidade de “estimulante” ocorrer em ambas as categorias, a depender do contexto sintático. Nesse caso, temos um nome em (3) e um adjetivo em (4).

- (1) **O estudante** entrou no ônibus.
- (2) Clara comprou vestidos **deslumbrantes**.
- (3) Os atletas tomaram **estimulantes** e foram apanhados no exame anti-dopping.
- (4) A professora preparou aulas **estimulantes** para seus alunos.

O objeto de estudo desta pesquisa são as expressões linguísticas como “deslumbrante”, em (2), e “estimulante”, em (4): os adjetivos formados com o acréscimo do sufixo “-nte” a bases verbais. Essas formas, em contraste com os adjetivos associados ao particípio passado, são ativas, pois os sintagmas nominais modificados por elas são interpretados como os sujeitos da voz ativa de seus verbos de origem (Medeiros, 2008, p. 247). No exemplo (2), acima, “vestidos” é o sujeito do verbo “deslumbrar” e, em (4), “aulas” é o sujeito de “estimular”.

Em uma análise dos particípios presentes do Inglês, Duffield et. al (2004) aponta uma divisão entre duas leituras possíveis, condicionada pela estrutura argumental do verbo de base. Os autores demonstram que os particípios formados a partir de verbos inacusativos possuem um sentido que é, obrigatoriamente, ancorado temporalmente no discurso imediato, enquanto as formas originadas de predicados inergativos podem também ser interpretadas de forma disposicional. Na sentença (5), por exemplo, nota-se que, para “burning candle”, há apenas uma leitura de evento em andamento disponível, uma em que a vela esteja queimando no momento de referência. Já, “crying baby”, em (6), é ambíguo, pois pode referir-se a um bebê que chorava naquele intervalo temporal ou a um bebê que costuma chorar mais do que o usual.

- (5) She was holding/wants to buy a burning candle.

(6) They were looking after/They didn't want to have a crying baby.

(Duffield et al., 2004. p. 3)

Uma das evidências apresentadas por Duffield et al. (2004) para demonstrar a divisão em questão envolve a contradição (ou não) diante da negação do evento expresso pelo particípio. Sentenças com predicados inacusativos, como (7), são contraditórias, uma vez que não é possível que a vela, a “burning candle”, não esteja queimando naquele momento. Já os inergativos, por possuírem uma leitura de propriedade disponível, não geram sentenças contraditórias. Em (8), por exemplo, as crianças podem não estar chorando porque, nesse caso, é selecionada para “crying children” uma interpretação de crianças “choronas”, que costumam chorar muito.

(7) #This burning candle isn't burning (now).

(8) Those crying children aren't crying (now).

(Duffield et al., 2004. p. 8)

Uma divisão semelhante é notada entre os particípios originados de verbos psicológicos. Segundo Duffield et al., os psicológicos do tipo objeto experienciador (ObjExp) formam apenas particípios com leitura disposicional, como “frightening animals” em (9), animais com a propriedade de causar medo ou assustar. Os psicológicos do tipo sujeito experienciador (SubjExp), por sua vez, não formam particípios presentes pré-nominais, sendo perfeitamente substituídos por outros adjetivos, como “fearful”, em (10), que expressa o sentido esperado para “fearing”.

(9) Frightening animals are best avoided.

(10) She is a *fearing/fearful woman

(Duffield et al., 2004. p. 15, 16)

Investigando os adjetivos em “-nte” do Português Brasileiro, percebemos um comportamento similar ao dos particípios presentes do Inglês. A “água fervente”, em (11), não é uma água com a propriedade de ferver, mas uma água que está fervendo em um momento de referência. Com tal interpretação eventiva, a negação do evento de ferver torna a sentença contraditória. Em (12), o “menino sorridente” pode ser um menino que possui a propriedade

ou o hábito de sorrir frequentemente. Seleccionando essa leitura, é possível realizar a negação sem gerar contradição.

- (11) *A água fervente não está fervendo (agora).
- (12) O menino sorridente não está sorrindo (agora).

Em relação aos verbos psicológicos, fazendo um levantamento rápido, notamos a existência de adjetivos originados de SubjExp, mas em baixa quantidade - amante, crente, confiante, temente. Algumas formas são substituídas por adjetivos em “-dor”, como “sofredor”, “experienciador”, “admirador” e “respeitador”. Os ObjExp, por sua vez, são abundantes nessas formas - agoniante, alarmante, angustiante, apaixonante, aterrorizante, atraente, cativante, chocante, comovente, convincente, deprimente, deslumbrante, emocionante, etc. - e parecem licenciar uma leitura de propriedade. Um “filme comovente” é um filme com a propriedade de causar comoção em seus espectadores.

No presente trabalho, temos o objetivo de descrever o comportamento do sufixo “-nte” e a influência dos diferentes contextos em que ele pode ocorrer. A partir da proposta de representações sintáticas e semânticas subjacentes que expliquem os dados coletados, desejamos também contribuir para o estudo e a compreensão do processo de formação de palavras morfológicamente complexas no Português Brasileiro e nas demais línguas naturais. Para isso, ao longo de nossa investigação, buscaremos responder às questões brevemente expostas a seguir:

Em primeiro lugar, como o mesmo sufixo desencadeia as duas leituras diferentes? O que, na semântica do morfema realizado fonologicamente por /-nt(e)/ - ou de outros nós funcionais presentes na estrutura -, permite que ele forme adjetivos interpretados como eventos - “água fervente” - e como propriedades - “filme emocionante”? Outra questão é a influência da estrutura verbal de base na interpretação dos adjetivos derivados. Por que adjetivos formados de verbos inacusativos permitem apenas a leitura de evento em andamento, enquanto os inergativos licenciam ambas?

Considerando trabalhos como Belletti & Rizzi (1988) e Arad (1998), que analisam os verbos psicológicos expondo seu comportamento sintático peculiar, qual poderia ser a contribuição dos ObjExp na derivação dos adjetivos em “-nte”? Por que tais formas licenciariam apenas a leitura de propriedade?

Finalmente, por que, em alguns adjetivos formados a partir de verbos transitivos, o

argumento interno parece impossível? Observe como o complemento em (13) é aceitável, enquanto (14) soa bastante marginal. Se a estrutura verbal de base está presente na morfologia dessas formas - percebemos, por exemplo, a sequência -iz-, tipicamente relacionada a um verbalizador do PB -, como o argumento interno exigido por “aterrorizar” pode ser omitido em “aterrorizante”?

(13) A ginasta estava confiante **de sua vitória/de que venceria**.

(14) ?? Eu vi o homem aterrorizante **de mulheres**.

Assim, com tais questões de investigação em mente, partimos da hipótese de que os adjetivos em “-nte” como “confiante” e “aterrorizante” possuem sintagmas verbais completos em suas estruturas - incluindo morfemas associados à interpretação e introdução de argumentos externos (Kratzer, 1996; Medeiros, 2010). Montamos, então, um corpus através da consulta a dicionários online, o qual foi analisado, inicialmente, por meio de nossa intuição como falantes do PB. Realizamos também dois testes de aceitabilidade com 40 e 46 falantes nativos, nos quais verificamos a aceitabilidade de sentenças com o argumento interno e a possibilidade das leituras de evento e propriedade, partindo de contextos inventados.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: na seção 2, expomos nossa fundamentação teórica: a Morfologia Distribuída, questões sobre estudos em estrutura argumental nesse modelo, a Semântica Formal e uma breve justificativa de tais escolhas. Em seguida, em 3, expomos a metodologia da pesquisa, a coleta de dados e os testes de aceitabilidade. Em 4, relatam-se os resultados obtidos nas consultas, considerando a veiculação da interpretação de evento/propriedade e a ocorrência do argumento interno nos adjetivos derivados. Nossa análise, na seção 5, propõe regras de inserção para o item de vocabulário /nt/ e estruturas para os adjetivos com bases inacusativas, alternantes, inergativas, transitivas e não verbais. Separamos a seção 6 para tratar dos verbos psicológicos, amplamente explorados por linguistas em perspectivas gerativas. Então, retomamos o comportamento das formas em /nt/ com tal estrutura interna e realizamos uma revisão de parte da literatura relevante, além de uma proposta de análise composicional. Em 7, enfim, apresentamos algumas considerações finais.

2 Fundamentação teórica

Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; (Romanos 12:12)

O presente trabalho adota duas abordagens teóricas inseridas nos estudos formais da língua com base gerativista. Para investigar a estrutura sintática dos adjetivos em “-nte”, será utilizado o modelo da Morfologia Distribuída, com sua concepção da arquitetura da faculdade da linguagem (Halle; Marantz, 1993; Marantz, 1997). Além disso, com o objetivo de compreender e descrever de forma precisa os significados dessas estruturas e a influência de suas partes para o resultado final, nos valeremos de ferramentas da Semântica Formal (Heim; Kratzer, 1998; Ferreira, 2019). A seguir, expomos tal fundamentação teórica, bem como a justificativa para sua escolha.

2.1 A Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída é uma teoria não lexicalista proposta pelos linguistas Morris Halle e Alec Marantz em trabalhos como Halle e Marantz (1993), Halle (1997) e Marantz (1997). Nessa abordagem, as propriedades formais, fonológicas e semânticas das palavras, atribuídas a um grande e impenetrável léxico em outras linhas gerativistas, são distribuídas em três listas distintas, acessadas em diferentes momentos da derivação sintática: o *Léxico Estrito*, o *Vocabulário* e a *Enciclopédia* (Marantz, 1997).

A Lista 1, ou *Léxico Estrito*, é composta por raízes acategoriais com conteúdo fonológico e traços morfossintáticos abstratos, as unidades atômicas manipuladas pela sintaxe. Os traços morfossintáticos - como flexões de tempo, aspecto e número, categorizadores, etc. - são selecionados e agrupados pelas línguas a partir do conjunto disponibilizado pela Gramática Universal (GU).

A Lista 2, ou *Vocabulário*, contém a expressão fonológica dos morfemas abstratos e as regras de correspondência entre seus traços morfossintáticos e traços fonológicos. O Vocabulário do Português contém, por exemplo, a correspondência entre os traços [+plural], [+1ª pessoa] e a realização fonológica /-mos/. Na Morfologia Distribuída, o processo de inserção do material fonológico - o *spell out* - ocorre tardiamente, após as operações sintáticas. Assim, a estrutura sintagmática é gerada através da combinação de traços morfossintáticos abstratos (Harley; Noyer, 1999), ou seja, “a sintaxe não opera com morfemas no sentido tradicional em que som e significado estão juntos e indissociáveis” (Silva; Medeiros, 2016, p. 108).

Além da *inserção tardia*, outra propriedade central da MD é a *subespecificação dos itens de vocabulário*. A ideia é que as regras de correspondência que associam sons a traços morfossintáticos não precisam ser especificadas para todas as propriedades dos morfemas aos quais serão aplicadas. Segundo Harley e Noyer, “os itens de vocabulário são, em muitas instâncias, informações *default*, inseridas onde não há nenhuma forma mais específica” (Harley; Noyer, 1999, p. 3, tradução nossa). Dessa forma, as várias regras de inserção que compõem a Lista 2 competem entre si pelos nós terminais de acordo com o *princípio do subconjunto*, que diz que “o expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um nó terminal se o item corresponde a todos ou a um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema (...)” (Halle, 1997, p. 128, tradução nossa.). A peça com mais traços do nó em questão, a mais especificada para aquele morfema, ganha a competição e deve ser inserida.

A Lista 3, ou *Enciclopédia*, é composta pelos significados especiais e extralinguísticos das raízes, condicionados a contextos sintáticos específicos e acessados após as operações sintáticas, assim como as peças de vocabulário. A raiz $\sqrt{\text{gat-}}$, na palavra “gato”, por exemplo, tem listado o significado “bicho quadrúpede que mia”, mas também “bonito”, no contexto de uma predicação com sujeito masculino. (Silva; Medeiros, 2016, p. 112). O conteúdo idiossincrático armazenado na Lista 3 – incluindo o significado de expressões maiores, como “ir de arrasta” (morrer) e “chutar o balde” (desistir) – corresponde ao tipo de informação semântica imprevisível atribuída ao léxico, nas teorias lexicalistas (Armelin; Nóbrega, 2023, p.129).

Com base nas considerações apresentadas até o momento, a arquitetura da gramática proposta pela Morfologia Distribuída pode ser representada da seguinte forma:

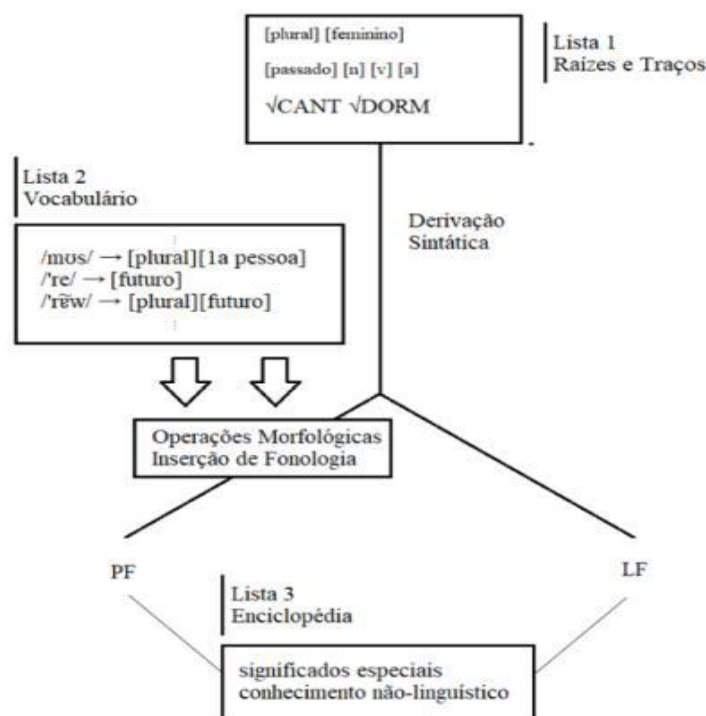


Figura 1 - Arquitetura da Gramática da Morfologia Distribuída
 Fonte: Scher; Bassani; Carvalho; Armelin, 2023, p. 102.

As listas da Morfologia Distribuída não são computacionais como o Léxico das teorias lexicalistas, que formaria palavras através de regras próprias, fornecendo à sintaxe as unidades atômicas sobre as quais esta operaria, sem nenhuma influência em suas estruturas internas. Para a MD, existe um único componente gerativo, responsável pela formação de palavras e de sentenças: a própria sintaxe. É uma teoria “em que a gramática constrói todas as palavras na sintaxe por meio dos mesmos mecanismos gerais com que constrói os sintagmas (“concatenar e mover”; ver Chomsky 1995)” (Marantz, 1997, p. 3. Tradução de Othero; Silva, 2015). Portanto, a estrutura sintática é hierarquizada *all the way down* – ou *até lá embaixo* –, de modo que elementos menores do que as palavras ocupam os nós terminais sintáticos, a saber, os morfemas abstratos, compostos pelos traços e feixes de traços morfosintáticos da Lista 1.

2.2 Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída

Os estudos tradicionais de estrutura argumental no panorama da gramática gerativa (Chomsky, 1981; 1995) propunham que a representação dos itens no Léxico possuía todas as informações relevantes para a sintaxe: categoria, quantidade de argumentos e papéis temáticos a serem atribuídos a eles. Através de ferramentas como o *Princípio da Projeção* (Chomsky, 1981, p. 29) e o *Critério Theta* (Chomsky, 1981, p. 36), estabeleciam-se relações entre as

informações contidas nas *grades temáticas* dos itens no léxico e as estruturas sintáticas em que tais predadores ocorriam. Essa abordagem projecionista – na qual as palavras projetam as estruturas sintáticas – compõe teorias “essencialmente descritivas”, pois “não estudam os significados dos verbos/predicados e as eventualidades que eles denotam; daí se limitarem a fazer descrições de propriedades idiossincráticas.” (Scher; Medeiros; Minussi, 2011, p. 179)

A Morfologia Distribuída vai de encontro aos pressupostos das teorias projecionistas, uma vez que, nesse modelo, as unidades mínimas sobre as quais a sintaxe opera não são palavras oriundas de um léxico gerativo. Trabalhos de estrutura argumental sob a perspectiva não-lexicalista (ver Marantz, 1997; 2006; Medeiros, 2018) entendem o caráter puramente sintático desse fenômeno. Assume-se que as raízes acategoriais que formam verbos são licenciadas em contextos sintáticos, com argumentos e núcleos funcionais variados. Assim, “as relações entre verbos e argumentos são realizadas por configurações sintáticas”, ao invés de serem apenas a realização de algo já listado no léxico (Carvalho, 2023, p. 194).

Em nossa análise dos adjetivos em “-nte”, trabalharemos com a proposta de Medeiros (2018) para a estrutura argumental dos verbos no Português Brasileiro (doravante, PB). O autor realiza uma decomposição sintática de algumas estruturas verbais do PB em subpredicados – morfemas que projetam posições para a inserção de argumentos e atribuem papéis aspectuais a eles. A interação das raízes se dá por uma espécie de modificação adverbial, pois elas não projetam sintagmas, mas acrescentam conteúdo lexical à parte da estrutura de eventos a que se unem. O trabalho, então, propõe que arranjos monoeventivos subjazem ao que tradicionalmente se intitula como verbos inergativos e alguns transitivos, enquanto estruturas bienventivas – com relação causal entre as eventualidades – estão associadas aos chamados verbos alternantes, inacusativos e outras classes transitivas.

A representação abaixo demonstra as quatro possíveis estruturas argumentais propostas pelo autor, após a anexação da raiz e antes da inserção do núcleo Voz, introdutor de argumento externo e de evento que pode se identificar com o de v (Kratzer, 1996):

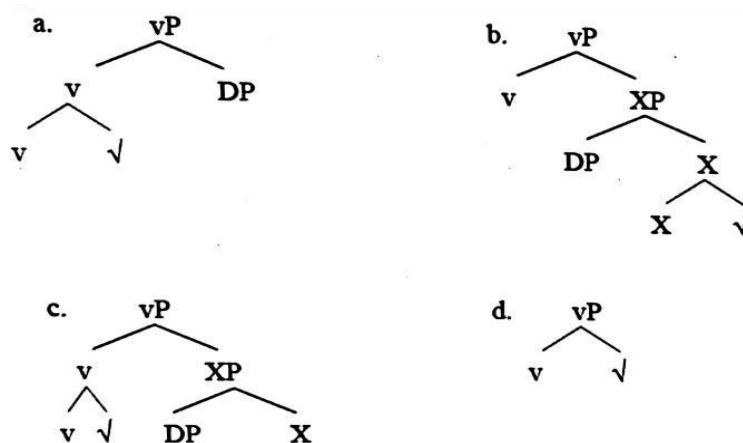


Figura 2- Estrutura argumental dos verbos no PB
Fonte: Medeiros, 2018. p. 255

Além de Voz, apresentado acima, os núcleos introdutórios de eventualidades são *v* e *X*, que podem ter uma relação de causação/implicação ou identificação. A variável inserida pelo morfema *X* pode ser um estado ou um evento. Assim, a raiz que modifica *X* ou *v*, a depender da estrutura, incorpora seu significado lexical a um evento ou a um estado. O autor assume também que, quando a raiz modifica *v*, a projeção de um argumento externo através de Voz é obrigatória. No presente trabalho, adaptaremos algumas das estruturas acima aos contextos dos adjetivos em “-nte” e, logo, mais implicações e exemplos práticos da proposta de Medeiros (2018) serão desenvolvidos.

2.3 A Semântica Formal

A Semântica Formal estuda o significado de expressões das línguas naturais através de ferramentas e técnicas lógico-matemáticas (Ferreira, 2018. p. 1). O sistema que adotaremos no presente trabalho, inspirado nas ideias do matemático e filósofo Gottlob Frege, entende que o significado de uma sentença equivale a suas *condições de verdade*. Ou seja, saber o significado de “Clara está bebendo água” é conhecer as condições necessárias e suficientes para que essa sentença seja verdadeira.

Além disso, considera-se que o significado de uma expressão complexa é produto do significado de suas partes e da maneira como estão organizadas. A partir dessa ideia, formula-se o *princípio da composicionalidade*: “O significado de um constituinte sintático é derivado do significado de seus constituintes imediatos” e da maneira como se combinam na estrutura (Ferreira, 2018. p. 6). Heim e Kratzer (1998) apontam que essa é uma maneira de capturar a propriedade criativa das línguas naturais, a qual permite que produzamos e compreendamos

sentenças inéditas. Dessa forma, estamos trabalhando com uma teoria *composicional* e, ao analisar as estruturas propostas, vamos “dividi-las em suas partes” e “pensar sobre a contribuição de cada parte para as condições de verdade do todo” (Heim; Kratzer, 1998. p. 2).

Para descrever e teorizar sobre algumas estruturas da Língua Portuguesa – nossa linguagem objeto – utilizaremos como metalinguagem uma mistura de português com símbolos da lógica de predicados e da teoria dos conjuntos, a fim de obter representações sucintas e sem ambiguidades. Mais especificamente, representaremos a extensão das expressões analisadas através de funções, com auxílio da notação lambda (λ). Funções são mecanismos que recebem determinado objeto (seu *argumento*) e retornam outro (seu *valor*). O *domínio* de uma função é o conjunto dos objetos que servem de argumento para ela, enquanto seu *contradomínio* especifica o tipo de objeto que ela retorna como valor (Ferreira, 2018. p.27). Além disso, uma função não pode ter dois elementos de sua *imagem* associados a um mesmo elemento do domínio. Essa característica é extremamente relevante para a semântica formal, pois sentenças não podem ser verdadeiras e falsas ao mesmo tempo.

Um exemplo de Ferreira (2018) é a função (f) que toma um número natural qualquer e retorna seu sucessor. Nesse contexto, o domínio de f, assim como seu contradomínio, é o conjunto dos números naturais (N). É comum a omissão de tal informação ($n \in N$) para fins de simplificação, como se observa em (15). Na expressão abaixo, temos o operador lambda (λ), uma variável ligada por ele (n) e o corpo da expressão/função (n+1).

$$(15) \quad \lambda n. n + 1 \text{ (Ferreira, 2018. p.28)}$$

Utilizando o princípio da *aplicação funcional* – “Seja α um nó ramificado, cujos constituintes imediatos são β e γ . Se $[[\beta]]$ é uma função e $[[\gamma]]$ pertence ao domínio de $[[\beta]]$, então $[[\alpha]] = [[\beta]]([[\gamma]])$ ” (Ferreira, 2018, p. 34) –, podemos aplicar a função sucessor acima apresentada ao número natural 4, obtendo a representação em (16) e seu resultado em (17):

$$(16) \quad (\lambda n. n + 1)(4)$$

$$(17) \quad (\lambda n. n + 1)(4) \Rightarrow 4 + 1 \Rightarrow 5 \text{ (Ferreira, 2018. p.29)}$$

A extensão de expressões linguísticas, como nomes próprios e sentenças, pode pertencer ao domínio dos indivíduos (D_e) ou ao domínio dos valores de verdade (D_t), respectivamente. Uma maneira de representar tal noção é através dos *tipos semânticos*: se uma

extensão pertence a D_e , ela é de *tipo e* e, se pertence a D_t , é de *tipo t*. A extensão de um verbo intransitivo, por exemplo, é de tipo $\langle e, t \rangle$, pois leva indivíduos a valores de verdade – elementos de D_e a D_t . Nessa linha, é possível definir infinitos tipos semânticos recursivamente, partindo dos tipos básicos *e* e *t*. Em uma representação simplificada, temos abaixo a extensão do verbo “morrer”, de tipo $\langle e, t \rangle$ e do verbo “comer”, de tipo $\langle e, \langle e, t \rangle \rangle$:

$$(18) \quad [[\text{morrer}]] = \lambda x_e . \text{MORRE}(x)$$

$$(19) \quad [[\text{comer}]] = \lambda x_e . \lambda y_e . \text{COME}(y, x)$$

Em casos de modificação, nos quais não há a compatibilidade entre os tipos dos constituintes necessária para o uso da aplicação funcional, trabalharemos com o princípio da *conjunção funcional*: “seja α um nó ramificado, cujos constituintes imediatos são β e γ , tal que $[[\beta]]$ e $[[\gamma]]$ pertençam a $D\langle e, t \rangle$. Neste caso, $[\alpha] = \lambda x_e . [\beta](x) = 1 \ \& \ [\gamma](x) = 1$ ” (Ferreira, 2018. p.103). Assim, é possível obter uma extensão de tipo $\langle e, t \rangle$ para um nó com constituintes imediatos de extensões do tipo $\langle e, t \rangle$, como no exemplo em (20):

$$(20) \quad [[\text{blusa verde}]] = \lambda x_e . \text{BLUSA}(x) \ \& \ \text{VERDE}(x)$$

Davidson (1967) propõe a existência de um argumento eventivo implícito em verbos de ação, o qual é ligado por um operador existencial e modificado por algumas expressões adverbiais. Neste trabalho, desenvolveremos representações inspiradas na *semântica de eventos neo-davidsoniana*, explorada em Parsons (1990) a partir das ideias de Davidson. Tal perspectiva assume que todos os verbos – eventivos e estativos – possuem um argumento eventivo implícito e que os demais argumentos são vinculados através de conjunções e papéis temáticos. Em (21), temos um exemplo de formalização nesses moldes, onde “o verbo indica que o evento em questão é um evento de morrer. O sujeito indica que César é o objeto daquele evento. (...) O tempo verbal indica que o evento em questão culminou antes do tempo de enunciação da sentença.” (Parsons, 1990. p.6. Tradução nossa.)

$$(21) \quad \text{Caesar died.}$$

$$(\exists e) [\text{Dying}(e) \ \& \ \text{Object}(e, \text{Caesar}) \ \& \ \text{Culminate}(e, \text{before now})]$$

$$(\text{Parsons, 1990. p. 6})$$

Consideramos, então, entidades, valores de verdade e eventualidades – que podem denotar eventos ou estados – como os tipos semânticos básicos, a partir dos quais identificamos outros mais complexos. Acrescentando o argumento eventivo e inserindo o(s) argumento(s) entidade(s) separadamente por conjunção, reformulamos a extensão de “morrer”, de tipo $\langle e, \langle s, t \rangle \rangle$ e de “comer”, de tipo $\langle e, \langle e, \langle s, t \rangle \rangle \rangle$ em (22) e (23), a seguir. A operação de conjunção, aqui representada por “&”, é oriunda da lógica matemática, podendo também ser expressa pelo símbolo \wedge ¹. Nesse caso, indica que, para que a extensão de morrer seja verdadeira, “MORRE(e)” e “TEMA(x,e)” precisam ser verdadeiros.

$$(22) \quad [[\text{morrer}]] = \lambda x_e. \lambda e_s. \text{MORRE}(e) \ \& \ \text{TEMA}(x, e)$$

$$(23) \quad [[\text{comer}]] = \lambda x_e. \lambda y_e. \lambda e_s. \text{COME}(e) \ \& \ \text{PACIENTE}(x, e) \ \& \ \text{AGENTE}(y, e)$$

2.4 Justificativa

A decomposição sintática dos adjetivos em “-nte” possibilitada pelo arcabouço da Morfologia Distribuída, somada aos princípios e ferramentas da Semântica Formal, nos permite entender e descrever o comportamento dessas formas de maneira mais precisa, econômica e regular. Com a MD, uma teoria não lexicalista, podemos explicar a regularidade das diferentes leituras e estruturas argumentais dessas expressões linguísticas a partir da própria estrutura sintática, dos contextos em que o morfema realizado por /-nte/ pode ocorrer. Assim, não há a necessidade de postular diferentes entradas lexicais e um grande número de homônimos para dar conta da diversidade de comportamentos de uma única “palavra”, como fariam as teorias lexicalistas. Destaca-se, nos exemplos a seguir, a diferença de interpretações para “falante”, com leitura de evento em (24) e leitura de propriedade em (25).

$$(24) \quad \text{Clara chegou falante na aula hoje.}$$

$$(25) \quad \text{Clara é uma menina muito falante.}$$

O princípio da composicionalidade, aliado à perspectiva sintática da MD, nos ajuda a perceber o caráter regular e previsível das interpretações de palavras morfologicamente

¹ A denotação em (23) desconsidera a estrutura verbal interna do predicado transitivo para fins explicativos. É relevante destacar, no entanto, que se adota, neste trabalho, a proposta da Kratzer (1996), na qual o argumento externo é introduzido por Voz. Com isso, o VP encabeçado por “comer” teria só um argumento interno Tema ou Paciente.

complexas, olhando para sua estrutura interna. Além disso, a linguagem lógico-matemática usada pela Semântica Formal, apesar de desafiadora em um primeiro momento, nos fornece ferramentas sólidas e precisas para representar o significado, evitando ambiguidades.

3 Metodologia

Pois tu, Senhor, és bom e compassivo; abundante em benignidade para com todos os que te invocam. (Salmos 86:5)

No início de nossa investigação, listamos o máximo de adjetivos em “-nte” possível, a partir de consultas a dicionários e dicionários de rima online. Em seguida, analisamos os dados de forma introspectiva, com base na nossa própria intuição de falantes do Português Brasileiro, dividindo-os de acordo com a estrutura argumental do verbo de base e testando-os para as duas leituras. Em um momento posterior da pesquisa, realizamos dois testes de aceitabilidade com 40 e 46 falantes nativos do PB, a fim de verificar nossas intuições iniciais. Nesta seção, iremos detalhar a metodologia utilizada, a saber, a montagem do corpus e a consulta de aceitabilidade.

3.1 Montando um corpus

Nas consultas a dicionários e dicionários de rima online, buscamos primariamente por adjetivos, mas encontramos “amante” e “falante”, que também funcionam como nomes - “o amante das artes”; “o falante de espanhol”. O porquê de o sufixo em questão gerar adjetivos, substantivos e algumas palavras que ocorrem nas duas categorias é um assunto que também desejamos investigar. Assim, selecionamos primeiro os adjetivos deverbiais, tendo como foco atual o estudo da contribuição de suas estruturas verbais internas. Em (26), listamos 108 formas que serão nossa principal fonte de análise no presente trabalho.

- (26) abundante, agonizante, agonizante, alarmante, amante, amante, andante, angustiante, apaixonante, apoiante, ardente, arrogante, ascendente, aterrorizante, atraente, atuante, brilhante, cadente, cantante, cativante, chocante, cintilante, comovente, concludente, confiante, conflitante, contrastante, convergente, conveniente, convincente, corrente, cortante, crente, crescente, culminante, dançante, degradante, delirante, (in)dependente, deprimente, deslumbrante, determinante, diferente, dignificante, discrepante, discordante, dormente, edificante, eletrizante, emergente, emocionante, empolgante, estimulante, estonteante, estressante, excitante, exigente, existente, falante, fascinante, fatigante, fertilizante, flamejante, flutuante, frustrante, humilhante, implicante, importante, impressionante, iniciante, inquietante, insistente, instigante, interessante, intimidante, intrigante, irritante, marcante, militante, nascente, paralisante, perseverante, preocupante, provocante, pulsante, purificante, radiante,

rastejante, reconfortante, recorrente, redundante, resistente, revigorante, saltitante, soante, soluçante, sorridente, surpreendente, terminante, tocante, tolerante, torturante, tranquilizante, transbordante, triunfante, viciante, vivificante.

Exemplos como “aterrorizante”, “agonizante”, “eletrizante”, “dignificante”, “vivificante” e “purificante” são particularmente ilustrativos, uma vez que a presença de uma estrutura verbal interna é atestada morfológicamente pelos verbalizadores /-iz-/ e /-(i)fic-/. Em “aterrorizante”, o acréscimo do prefixo /a-/ também indica a presença de uma estrutura verbal subjacente, como em “apavorante”, em que o prefixo ocorre no que é tradicionalmente denominado derivação parassintética, para formar o verbo “apavorar” a partir do nome “pavor”. Mesmo que não tenhamos verbalizadores expressos fonologicamente nos demais casos, assumimos sua presença, a qual pode ser percebida pela contribuição semântica. Esse aspecto será explorado mais a fundo em nossa análise, na seção 5, mas, intuitivamente, sabemos que “amante” é “aquele que ama” e “falante”, “aquele que fala”.

Em nossa pesquisa, também encontramos adjetivos em “-nte” com bases que não formam verbos no PB. Estes não são nosso objeto principal de investigação, mas listamos tais formas em (27), abaixo:

- (27) Aparente², ausente, carente, coerente, concomitante, conivente, consciente, constante, diligente, dissonante, elegante, evidente, excelente, expectante, extravagante, experiente, fulminante, incipiente, indulgente, inerente, inocente, irreverente, latente, pertinente, petulante, prepotente, resiliente, reticente, saliente, vigente

Essas palavras parecem ter, em suas estruturas, raízes latinas que não originam verbos no Português. Temos, por exemplo, “diligente”, com o mesmo radical do verbo “diligo, -is, -ere” que significa “estimar, amar, considerar, honrar”. Semelhantemente, “carente” é cognato de “careo, -es, -ere” - ter falta de algo (ver FARIA, 1962). Apesar de esses adjetivos não serem nosso objeto principal de investigação, eles serão brevemente discutidos mais tarde, na subseção 5.4.

² No latim, a raiz “par(e)” une-se ao prefixo “ad-” e origina tanto o verbo “aparecer” quanto o adjetivo “aparente” do PB. Reconhece-se que a estrutura verbal não está dentro de “aparente” por sua morfologia, que exclui o verbalizador “-ec(er)-”.

Após reunirmos os adjetivos em (26) e (27), nós os dividimos de acordo com a natureza de suas bases, na tabela 1. Os deverbais foram separados a partir da estrutura argumental do verbo de origem, uma vez que desejamos analisar sua contribuição para a interpretação dos adjetivos derivados.

Natureza da base	Adjetivos
Inergativos	Abundante, andante, brilhante, cantante, cintilante, dançante, delirante, dormente, falante, flamejante, flutuante, militante, perseverante, pulsante, radiante, rastejante, redundante, saltitante, soante, soluçante, sorridente, triunfante
Inacusativos/ alternantes	Agonizante, ardente, ascendente, cadente, congelante, corrente, crescente, culminante, emergente, existente, fervente, nascente, transbordante, vacilante
Psicológicos ObjExp	Agonizante, alarmante, angustiante, apaixonante, aterrorizante, atraente, cativante, chocante, comovente, convincente, deprimente, deslumbrante, eletrizante, emocionante, empolgante, estimulante, estonteante, estressante, excitante, fascinante, fatigante, frustrante, humilhante, importante, impressionante, inebriante, inquietante, instigante, interessante, intimidante, intrigante, irritante, marcante, paralisante, preocupante, provocante, reconfortante, surpreendente, tocante (=comovente), torturante, tranquilizante, viciante, vivificante
Psicológicos SubjExp	Amante, confiante, crente, tolerante
Transitivos	Apoiante, arrogante, atuante, cantante, concludente, conflitante, contrastante, conveniente, convergente, cortante, culminante, degradante, determinante, diferente, dignificante, discrepante, discordante, edificante, exigente, falante, fertilizante, implicante, iniciante, insistente, dependente/independente, purificante, recorrente, resistente, revigorante, terminante
Raízes latinas	Aparente, ausente, carente, coerente, concomitante, conivente, consciente, constante, diligente, dissonante, elegante, evidente, excelente, expectante, extravagante, experiente, fulminante, incipiente, indulgente, inerente, inocente, irreverente, latente, pertinente, petulante, prepotente, resiliente, reticente, saliente, vigente

Tabela 1 - Natureza da base dos adjetivos em “-nte”

Fonte: Elaborado pela autora.

Através de análise introspectiva, consultamos nossa intuição como falantes do PB para testar quais dos adjetivos listados em (26) licenciavam a leitura de evento em andamento, a leitura

de propriedade, ou ambas. Por ora, nos detemos nos adjetivos deverbiais, deixando a última linha da tabela 1 para análise posterior. Em (28) - (31), abaixo, nota-se a possibilidade de adjetivos formados a partir de verbos inergativos e transitivos - “sorridente” e “falante” - licenciarem ambas as leituras. Já em (32) - (35), percebemos que estruturas alternantes e inacusativas originam adjetivos que só permitem a leitura de evento em andamento - “fervente” e “crescente”. Os adjetivos com bases psicológicas ObjExp, no entanto, aceitam apenas a leitura de propriedade, como “aterrorizante” em (36) - (37).

- (28) O menino me olhou sorridente. (O menino estava sorrindo, sorriu quando me olhou)
- (29) O menino é muito sorridente. (O menino possui a propriedade/hábito de sorrir muito)
- (30) Clara chegou falante. (Clara estava falando quando chegou)
- (31) Clara é a menina mais falante que eu conheço. (Clara possui a propriedade/o hábito de falar muito)
- (32) Pedro se queimou com água fervente. (A água que queimou Pedro estava fervendo)
- (33) *Pedro comprou um leite muito fervente. (O leite possui a propriedade de ferver muito ou com facilidade)
- (34) A dor crescente do paciente preocupou os médicos. (A dor do paciente estava crescendo)
- (35) *Essa planta é muito crescente. (Essa planta tem a propriedade de crescer muito)
- (36) Clara gosta de filmes aterrorizantes. (Filmes com a propriedade de aterrorizar, causar terror)
- (37) *O assassino chegou aterrorizante. (O assassino estava aterrorizando alguém quando chegou)

A partir de reflexões e tentativas como as de (28) a (37), dividimos os adjetivos de acordo com suas interpretações. Os resultados dessa análise inicial seguem organizados na tabela X, abaixo:

	Leitura de evento em andamento	Leitura de propriedade	Ambas
Inergativos			Abundante, andante, brilhante, cantante, cintilante, dançante, delirante, dormente, falante, flamejante,

			flutuante, militante, perseverante, pulsante, radiante, rastejante, redundante, saltitante, soante, soluçante, sorridente, triunfante
Inacusativos/ alternantes	Agonizante, ardente, ascendente, cadente, congelante, corrente, crescente, culminante, emergente, existente, fervente, nascente, transbordante, vacilante		
Psicológicos ObjExp		Agoniante, alarmante, angustiante, apaixonante, aterrorizante, atraente, cativante, chocante, comovente, convincente, deprimente, deslumbrante, eletrizante, emocionante, empolgante, estimulante, estonteante, estressante, excitante, fascinante, fatigante, frustrante, humilhante, importante, impressionante, inebriante, inquietante, instigante, interessante, intimidante, intrigante, irritante, marcante, paralisante, preocupante, provocante, reconfortante, surpreendente, tocante (=comovente), torturante, tranquilizante, viciante, vivificante	
Psicológicos SubjExp		amante, confiante, crente, tolerante	
Transitivos			Apoiante, arrogante, atuante, cantante, concludente, conflitante, contrastante, conveniente, convergente, cortante, culminante, degradante, determinante, diferente, dignificante, discrepante, discordante, edificante, exigente, falante, fertilizante, implicante, iniciante, insistente, dependente/independente, purificante, recorrente, resistente, revigorante, terminante

Tabela 2 - Leituras licenciadas pelos adjetivos deverbais

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de analisar as interpretações veiculadas pelos adjetivos em questão, também investigamos a preservação da estrutura argumental de base nas formas derivadas de verbos transitivos. Nas sentenças abaixo, observa-se a possibilidade de alguns adjetivos aparecerem com um sintagma preposicional que corresponde ao complemento das estruturas de origem, como “confiante” em (38) e “falante” em (39). “Falante”, no entanto, é agramatical com um complemento quantificado, como vemos em (40). Verbos psicológicos ObjExp parecem não admitir nenhum tipo de complemento, como “aterrorizante” em (41) e (42).

(38) A ginasta está **confiante na vitória**. (A ginasta confia na sua vitória)

(39) Essa menina é **falante de Português/ de besteiras**. (A menina fala Português/besteiras)

(40) * Essa menina é **falante da verdade**. (A menina fala a verdade)

(41) * **A notícia aterrorizante** de mulheres me preocupou. (A notícia aterroriza mulheres)

(42) * A notícia aterrorizante da mulher me preocupou. (A notícia aterroriza a mulher)

A análise em questão parece revelar que a maioria dos adjetivos em “-nte” não aceita o argumento interno. Com isso, surgem questões como: o que acontece para que estruturas tipicamente transitivas sejam agramaticais com o argumento interno expresso em contextos sintáticos como (40), (41) e (42)? O morfema abstrato realizado fonologicamente por /-nte/ contribui semanticamente para essa omissão? Será que os sintagmas preposicionais de (38) e (39) realmente funcionam como argumento de “confiante” e “falante” nesses ambientes? Ao longo da seção 5, proporemos possíveis respostas para tais indagações.

3.2 Consulta de aceitabilidade

Em uma segunda etapa da pesquisa, realizamos uma consulta informal, sem tratamento estatístico, para verificar algumas tendências na intuição de outros falantes do PB, através do *Google Forms*. Montamos dois formulários, cada um contendo 8 sentenças alvo e 16 distratoras. Desejávamos verificar a aceitabilidade das duas leituras para diferentes estruturas argumentais de base, como analisado previamente nas sentenças (28)-(37), e a presença do argumento interno em adjetivos originados de verbos tipicamente transitivos e psicológicos, uma vez que se assume que há sintagmas verbais completos no seu interior. A partir do trabalho

de Duffield et al. (2004), trabalhamos também com a hipótese de que os adjetivos com bases inacusativas permitem apenas a leitura de evento em andamento, enquanto os formados de estruturas inergativas e transitivas licenciam ambas.

Os dois formulários continham as seguintes instruções iniciais: “Esse formulário é um teste de aceitabilidade de determinadas construções linguísticas. Leia atentamente o contexto (inventado) de cada questão e, **com base nele**, responda o que você acha **sobre as formas destacadas em negrito**” seguidas da escala de aceitabilidade: “Completamente aceitável = muito normal / Aceitável = normal / Neutro = não sei / Inaceitável = estranho / Completamente inaceitável = muito estranho”.

No primeiro formulário, obtivemos 40 respostas. Testamos “sorridente” e “soante” para leitura de propriedade - “ele é **o menino mais sorridente** que eu já vi”; “É **o sino mais soante** que eu já vi” - e “fervente”, “crescente” e “falante” para leitura de evento - “eu **me queimei com a água fervente**”; “**A dor crescente da paciente** exige que operemos com urgência”; “eu **cheguei falante** hoje (...)”. Na Figura 3, demonstramos como o contexto inventado serviu de ferramenta para forçarmos a interpretação desejada. Nesse caso, é explicitamente especificado o fato de “sorridente” tratar-se de uma qualidade - ou propriedade - do namorado de Luciana.

Contexto: Luciana fala sobre seu novo namorado para sua amiga, comentando as qualidades dele:

- Amiga, ele é **o menino mais sorridente** que eu já vi e tem um sorriso lindo!

- ☐ Completamente aceitável
- ☐ Aceitável
- ☐ Neutro
- ☐ Inaceitável
- ☐ Completamente inaceitável

Figura 3 - Teste de “sorridente” para leitura de propriedade.
Fonte: Elaborado pela autora.

O segundo formulário, com 46 respostas, testava a leitura de evento para “sorridente”, “soante”, e “nascente” - “Você **chegou sorridente** hoje!”; “- Esse **sino soante** tá me incomodando”; “Esse **sol nascente** está incrível!” - e a leitura de propriedade para “fervente” e “falante” - “Esse é **um leite mais fervente** que os das outras marcas?”; “**sou uma pessoa**

muito falante!”. Na Figura 4, temos outro exemplo de utilização do contexto para delinear a interpretação que queríamos testar, uma vez que inserimos a ocorrência do evento de “Pedro sorrir”, a qual é concomitante à sua chegada à sala, em “Pedro está sorrindo quando chega na sala de aula”.

Contexto: Pedro está sorrindo quando chega na sala de aula. Seu amigo pergunta: *

- Você **chegou sorridente** hoje! Quais as novidades?

- ☐ Completamente aceitável
- ☐ Aceitável
- ☐ Neutro
- ☐ Inaceitável
- ☐ Completamente inaceitável

Figura 4 - Teste de “sorridente” para leitura de evento em andamento.
Fonte: Elaborado pela autora.

Em ambos os formulários, também consultamos a aceitabilidade do argumento interno em construções com o sufixo “-nte”. No primeiro *Google Forms*, testamos dois nomes: “calmante de crianças” e “concluintes do curso de Engenharia Elétrica”. No segundo, verificamos as formas adjetivas: “discurso intimidante de minorias”, “Homem aterrorizante de crianças” e “novo composto tranquilizante de ursos”. Essas estruturas também apareceram em sentenças e contextos inventados, como na Figura 5, a seguir:

Contexto: Alice conversa com sua mãe sobre os candidatos concorrendo para a eleição daquele ano. *

- O pior de tudo é a normalização de um **discurso intimidante de minorias**! É um absurdo candidatos preconceituosos terem tantos apoiadores.

- ☐ Completamente aceitável
- ☐ Aceitável
- ☐ Neutro
- ☐ Inaceitável
- ☐ Completamente inaceitável

Figura 5 - Teste de “intimidante” com argumento interno
Fonte: Elaborado pela autora.

4 Resultados

A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. (Romanos 8:19)

Com os resultados da consulta de aceitabilidade e da análise dos dados descritos na seção 3, notamos que os adjetivos formados a partir de estruturas transitivas e inergativas são aceitáveis em ambas as leituras, enquanto os inacusativos (e alternantes) são menos produtivos e licenciam apenas leitura de evento em andamento. Além disso, percebemos uma baixa aceitabilidade para a presença do argumento interno, principalmente nos adjetivos com verbos de base psicológicos ObjExp. Detalharemos, a seguir, tais resultados. Em 4.1, serão apresentadas as duas leituras e, em 4.2, o argumento interno.

4.1 As duas leituras

Na consulta, “falante”, “sorridente” e “soante” foram aceitáveis para ambas as leituras, como testado nas sentenças de (28) a (31), na seção 3.1. “Falante” teve 92,5% de aceitabilidade para a leitura de evento e 93,5% de aceitabilidade para a leitura de propriedade. “Sorridente” teve 95,6% de aceitabilidade para a leitura de evento e 90% de aceitabilidade para a leitura de propriedade. “Soante”, menos usual no PB, teve 45% de aceitabilidade e 39,1% de inaceitabilidade (15,2% neutro) para leitura de evento e 51,5% de aceitabilidade para leitura de propriedade (27,5% neutro)³. Tais resultados podem ser visualizados de maneira mais detalhada nos gráficos a seguir:

Contexto: Luciana fala sobre seu novo namorado para sua amiga, comentando as qualidades dele: - Amiga, ele é o menino mais sorridente que eu já vi e tem um sorriso lindo!
40 respostas

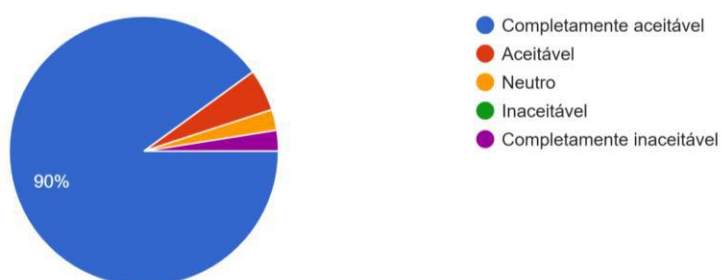


Figura 6 - Aceitabilidade de “sorridente” para leitura de propriedade
Fonte: Elaborado pela autora.

³ É possível que a baixa frequência de uso de “soante” influencie sua menor aceitabilidade, tal aspecto dos adjetivos em “-nte” pode ser explorado em experimentos futuros.

Contexto: Pedro está sorrindo quando chega na sala de aula. Seu amigo pergunta: - Você chegou sorridente hoje! Quais as novidades?

46 respostas

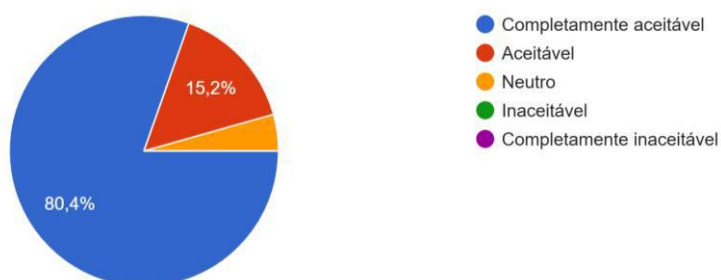


Figura 7 - Aceitabilidade de “sorridente” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: Assim que encontra suas amigas na fila do restaurante, Clara desabafa sobre o que aconteceu na aula. No final de sua fala, ela diz: ..., eu cheguei falante hoje, mas e vocês? Como estão?

40 respostas

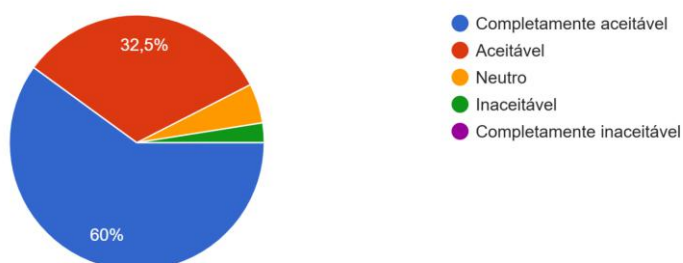


Figura 8 - Aceitabilidade de “falante” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: Clara se apresenta para um possível interesse amoroso em um primeiro encontro: - Algo importante sobre mim é que, como toda professora, sou uma pessoa muito falante!

46 respostas

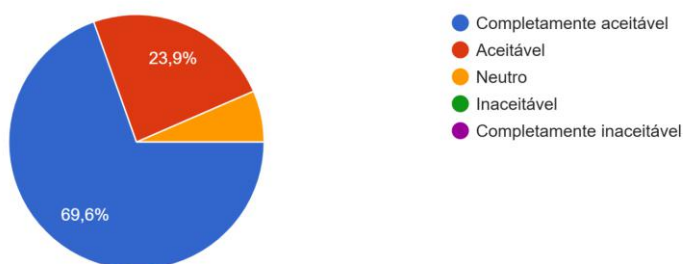


Figura 9 - Aceitabilidade de “falante” para leitura de propriedade

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: o sino da igreja vizinha está soando de noite e um homem, que mora na casa ao lado, reclama com sua esposa: - Esse sino soante tá me incomodando, não tem como dormir assim!

46 respostas

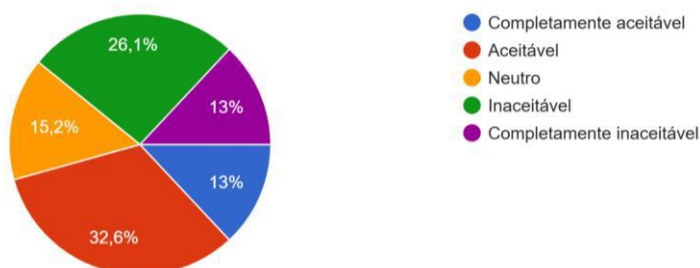


Figura 10 - Aceitabilidade de “soante” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: uma loja de móveis para casa vende um sino que tem a propriedade de soar com facilidade. Uma vendedora explica para um cliente: ...ó encontra aqui! É o sino mais soante que eu já vi.

40 respostas

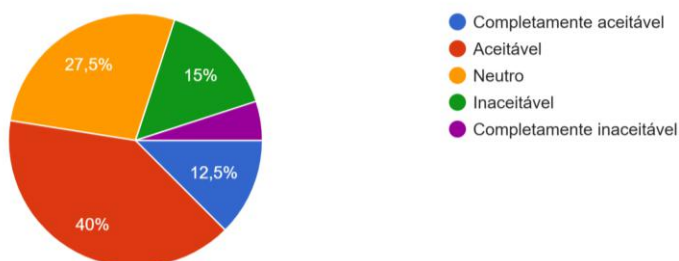


Figura 11 - Aceitabilidade de “soante” para leitura de propriedade

Fonte: Elaborado pela autora.

“Crescente” e “nascente”, os quais também parecem pouco produtivos no PB, foram aceitáveis para a leitura de evento, com o resultado expresso nos gráficos a seguir:

Contexto: um grupo de turistas estava assistindo o nascer do sol na pedra do Arpoador, Rio de Janeiro. Um deles exclama: - Esse sol nascente está incrível! Lindo demais!

46 respostas

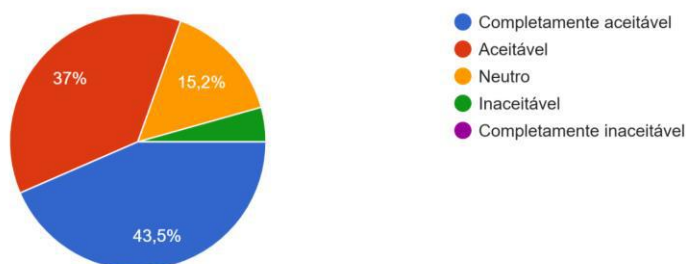


Figura 12 - Aceitabilidade de “nascente” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: As dores da infecção de Joana estão crescendo exponencialmente e a equipe do hospital decide levá-la para a sala de cirurgia. O médico re...mos com urgência. Alguém precisa avisar a família.

40 respostas

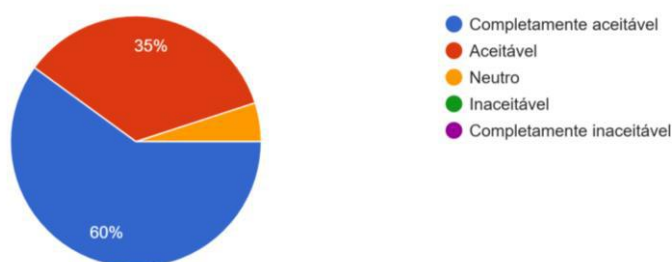


Figura 13 - Aceitabilidade de “crescente” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Finalmente, destacamos o comportamento de “fervente”, aceitável para a leitura de evento (90%) e dividido para a leitura de propriedade: 43,3% inaceitável, 19,6% neutro e 36,9% aceitável. Com esses resultados - detalhados nos gráficos abaixo -, fortalecemos nossa intuição inicial de que adjetivos como “fervente” - com verbo de base inacusativo - licenciam apenas a leitura de evento em andamento.

Contexto: Pedro ferve água para fazer café e acaba se queimando na hora de derramar a água que fervia no coador. Sua irmã ouve e vai ver o que ac...eimei com a água fervente, mas foi pouco! Tô bem.

40 respostas

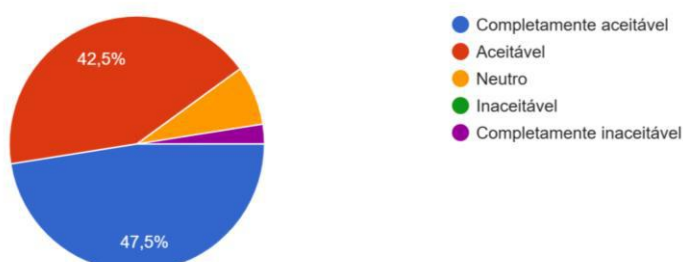


Figura 14 - Aceitabilidade de “fervente” para leitura de evento

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: Pedro vai ao mercado e encontra um leite em pó diferente. Na embalagem, consta que ele possui a característica de ferver com mais fac...é um leite mais fervente que os das outras marcas?

46 respostas

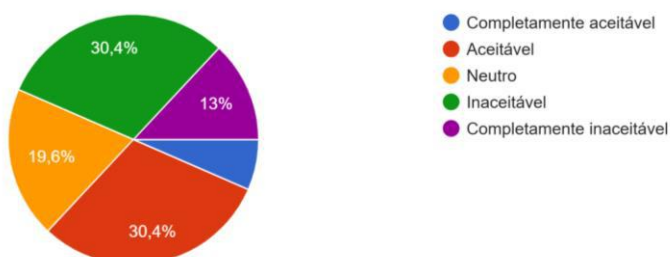


Figura 15 - Aceitabilidade de “fervente” para leitura de propriedade

Fonte: Elaborado pela autora.

4.2 O argumento interno

Em nossa consulta, também testamos sentenças com sintagmas preposicionais que ocupariam a posição de argumento interno dos “-nte” derivados. Os dois nomes testados, “concluintes do curso de Engenharia Elétrica” e “calmante de crianças”⁴, foram bastante aceitáveis - 87,5 % e 76,5%, respectivamente. Nas figuras Figura 16 e Figura 17, esses resultados podem ser visualizados:

Contexto: secretaria envia um email para todos os graduandos de Engenharia Elétrica. Dentre os informes presentes, encontra-se a seguinte frase:

[Copiar gráfico](#)

"Todos os **concluintes do curso de Engenharia Elétrica** deverão realizar a prova do Enade para obtenção do diploma."

40 respostas

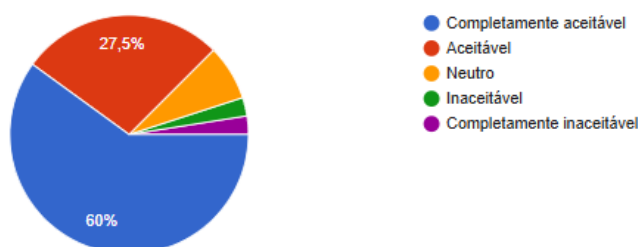


Figura 16 - Aceitabilidade de “concluinte” com argumento interno

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: um médico prescreve remédio para uma criança com problemas de insônia. A mãe, preocupada, pergunta sobre a segurança do medicamento:

[Copiar gráfico](#)

- Doutor, esse é um **calmante de crianças**, certo? Não é perigoso para minha filha tão nova?

40 respostas

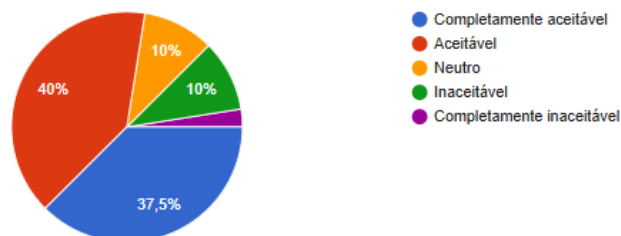


Figura 17 - Aceitabilidade de “calmante” com argumento interno

Fonte: Elaborado pela autora.

Os adjetivos em -nte não foram tão amplamente aceitos com seus argumentos internos. “Composto tranquilizante de ursos” foi o mais aceitável, com 89,1% de aceitabilidade, de

⁴ Uma falha no teste notada posteriormente é a possibilidade da interpretação de “calmante de crianças” como “remédio infantil/pediátrico”, onde o sintagma preposicional não é argumento, mais adjunto. Isso pode ter influenciado o julgamento feito pelos falantes.

acordo com a figura abaixo. Uma discussão em aberto é a interpretação desses sintagmas preposicionais: será que são, de fato, complemento do verbo ou adjunto do adjetivo derivado?

Contexto: Laboratório veterinário especializado em animais de grande porte desenvolve um medicamento capaz de tranquilizar ursos em instantes. Veículo de divulgação científica publica:

[Copiar gráfico](#)

"Conheça o novo composto tranquilizante de ursos, desenvolvido pelo Laboratório X"

46 respostas

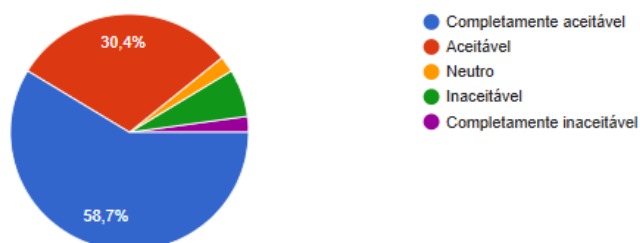


Figura 18 - Aceitabilidade de “tranquilizante” com argumento interno
Fonte: Elaborado pela autora.

Similar ao anterior, “composto fertilizante de peixes”, também foi aceitável, mas alcançou uma porcentagem menor. O resultado, apresentado na Figura 19, foi de 57,5% de aceitabilidade, 27,5% de neutralidade e 15% de inaceitabilidade. É possível que “fertilizante” seja uma palavra mais associada a contextos de solo, então, talvez, “composto fertilizante de solos” tivesse sido mais aceitável que “de peixes”.

Contexto: Laboratório veterinário especializado em animais aquáticos desenvolve um medicamento que auxilia na fertilização rápida de peixes. Veículo de divulgação científica publica:

[Copiar gráfico](#)

"Conheça o novo composto fertilizante de peixes, desenvolvido pelo Laboratório X"

40 respostas

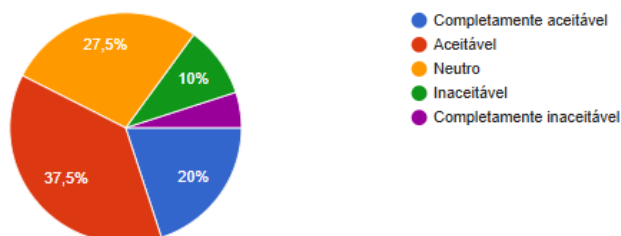


Figura 19 - Aceitabilidade de “fertilizante” com argumento interno
Fonte: Elaborado pela autora.

“Discurso intimidante de minorias” foi bastante controverso, com 43,5% aceitáveis, 23,9% neutros e 32,6% inaceitáveis. Já “homem aterrorizante de crianças” teve 69,6% de inaceitáveis, sendo fortemente rejeitado pelos falantes. Tais resultados, expostos nas figuras

Figura 20 e Figura 21 demonstram a resistência dos adjetivos em -nte com verbos de base psicológicos ObjExp de ocorrerem com argumento interno - apesar de “calmante” e “tranquilizante” serem aceitáveis. Na seção 6 desse trabalho, investigaremos as formas em questão, propondo uma possível estrutura.

Contexto: um homem persegue crianças no parquinho de um bairro, causando terror entre elas e suas famílias. Os moradores relatam o caso para o jornal local, que publica a notícia com a seguinte manchete:

[Copiar gráfico](#)

"Homem aterrorizante de crianças causa instabilidade no bairro"

46 respostas

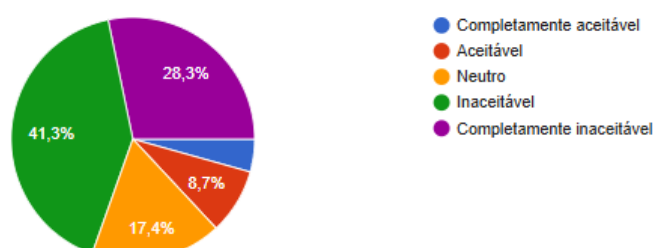


Figura 20 - Aceitabilidade de “aterrorizante” com argumento interno

Fonte: Elaborado pela autora.

Contexto: Alice conversa com sua mãe sobre os candidatos concorrendo para a eleição daquele ano.

[Copiar gráfico](#)

- O pior de tudo é a normalização de um **discurso intimidante de minorias!** É um absurdo candidatos preconceituosos terem tantos apoiadores.

46 respostas

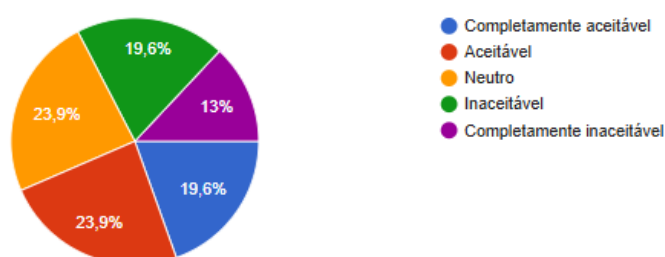


Figura 21 - Aceitabilidade de “intimidante” com argumento interno

Fonte: Elaborado pela autora.

5 Análise

Para que se saiba, até ao nascente do sol e até ao poente, que além de mim não há outro; eu sou o Senhor, e não há outro.
(Isaías 45:6)

Nas seções anteriores, apresentamos nosso objeto de estudo, nossa perspectiva teórica e as ferramentas metodológicas usadas para analisar o comportamento dos adjetivos em “-nte”, bem como os resultados de tal investigação. A partir do que foi discutido até aqui, iremos propor, nesta seção, as restrições para a inserção de /nt/, as estruturas sintáticas em que esse item ocorre e suas representações semânticas. Assim, será possível explicar não só os diferentes contextos em que tal sufixo ocorre, no PB, mas também a contribuição composicional do ambiente sintático para as interpretações resultantes.

5.1 O item de vocabulário e suas regras de inserção

Adotando a ideia de subespecificação dos itens de vocabulário, conforme exposto na subseção 2.1, é possível explicar a ocorrência de /nt/ em seus múltiplos contextos. Como esse sufixo forma nomes e adjetivos, trata-se de um material fonológico que pode realizar núcleos nominalizadores ou adjetivizadores. Dessa forma, suas regras de inserção precisam conter o traço [+N], presente tanto em nomes, quanto em adjetivos. Tal ideia parte da perspectiva presente em Chomsky (1981), a qual estrutura o sistema categorial com base nos traços nominal e verbal, [\pm N] e [\pm V]. Assim, os nomes contêm os traços [+N, -V] e, os adjetivos, os traços [+N, +V] (Chomsky, 1981. p. 48).

Além disso, propomos a presença de um núcleo aspectual que chamaremos de Γ . Esse morfema entra acima da estrutura verbal e quantifica a variável de evento, situando-o em um aspecto imperfectivo ou genérico. Assim, /nt/ deve realizar um morfema categorizador com o traço [+N] – ou seja, um que forme nomes ou um que forme adjetivos – que esteja em contexto de Γ P.

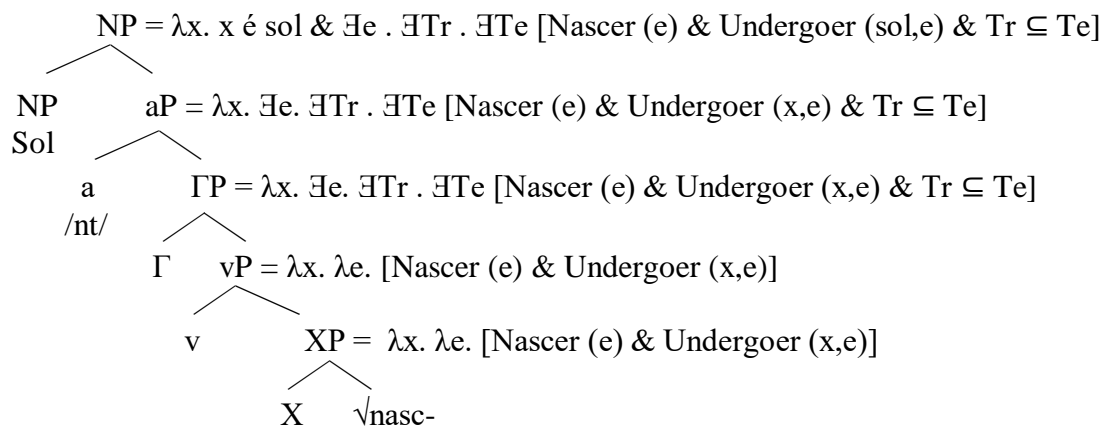
No entanto, nem todas as bases a que tal sufixo se une são estruturas verbais. Como vimos em (27), as formas em “-nte” podem originar-se de raízes latinas que não formam verbos no PB. Por isso, as regras de inserção desse item, expressas em (43), especificam também uma lista de raízes. No contexto delas, o morfema categorizador – com traço [+N] – será realizado por /nt/.

$$(43) \quad /nt/ \leftrightarrow [+N] / \Gamma P \text{ ou } \{\sqrt{dilig-}, \sqrt{care-}, \sqrt{cohae-}, \sqrt{disson-}, \sqrt{eleg-}, \dots\}$$

5.2 Estruturas inacusativas e alternantes

Assumimos aqui a estrutura proposta por Medeiros (2018; 2024) para os verbos inacusativos e alternantes do PB. O autor defende que, nesses verbos, a raiz obrigatoriamente modifica o morfema X, responsável pela introdução de um estado-alvo ou evento dinâmico e pela introdução do argumento interno. Para “nascente”, em (44), propomos a estrutura a seguir:

(44) “Sol nascente”



Em (44)(44), a raiz modifica o evento introduzido por X – que se identifica com o evento de v, acima, de modo que vP e XP têm a mesma extensão. O morfema Γ quantifica esse evento e o situa em um aspecto imperfeito, no qual o tempo do evento (T_e) contém o tempo de referência (T_r). O conteúdo desse núcleo é formalizado em (45)(45):

(45) $\Gamma = \lambda f_{\langle e, \langle s, t \rangle \rangle} . \lambda x . \exists e . \exists \text{Tr} . \exists \text{Te} . f(x)(e) \ \& \ \text{Tr} \subseteq \text{Te}$

O núcleo categorizador *a*, em contexto de GP, é realizado pelo item /nt/, de acordo com as regras de inserção em (44). Trata-se de uma função identidade, que possui apenas contribuição categorial. Em seguida, há composição funcional com o NP “sol – conforme expressa na subseção 2.3. Assim, “sol” é o *undergoer* do evento de nascer, o qual contém o tempo de referência, ou seja, está em andamento em tal intervalo. A inserção de um determinante acima de “sol nascente” quantifica a variável *x* (cf. Ferreira, 2019)⁵.

⁵ É interessante pontuar que, ainda que o NP seja um nome próprio, como “João”, ao ocorrer com um adjetivo em “-nte”, ele será interpretado como o conjunto de entidades que se chamam João. Em “o João sorridente”, por exemplo, temos o indivíduo desse conjunto que possui a propriedade em questão, o João que sorri com frequência, onde “João” comporta-se como os outros nomes e exige também o determinante.

A estrutura adotada para os verbos alternantes é igual à dos verbos inacusativos, com a diferença de que a estes pode ser adicionado um núcleo Voz, introdutor de um evento causador e uma entidade iniciadora do evento denotado por vP. Na estrutura de “Pedro girou a manivela”, abaixo, evidencia-se a ação de VozP, acima do vP.

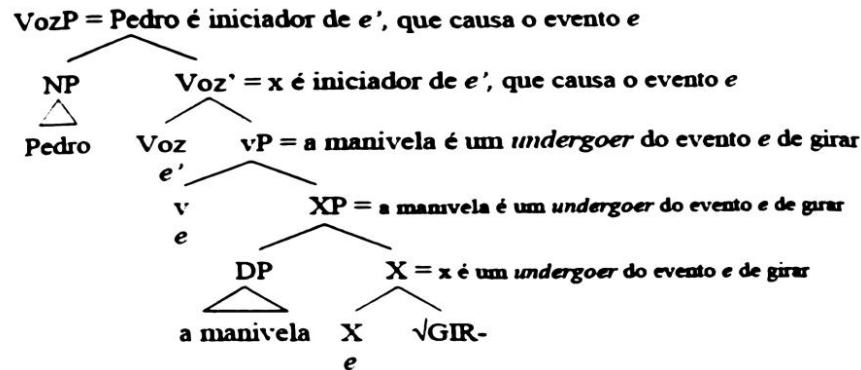
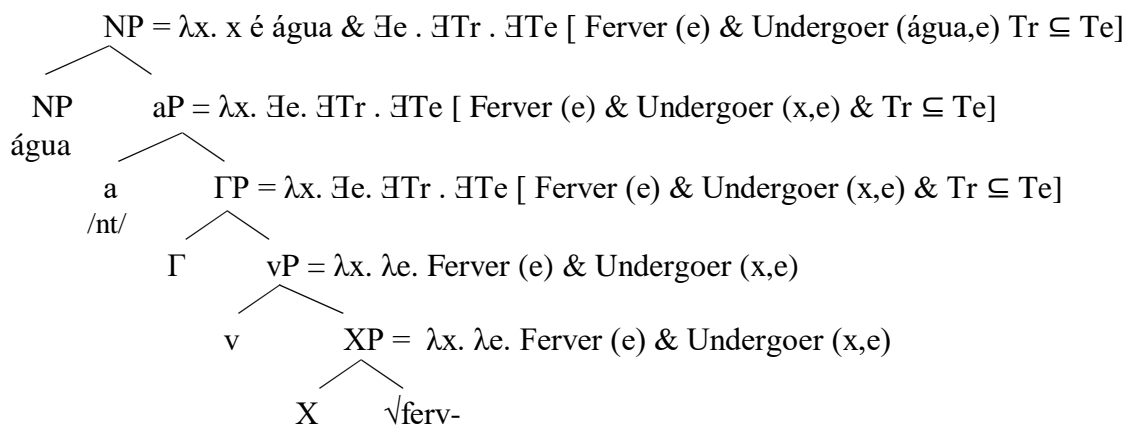


Figura 22 - Estrutura de “Pedro girou a manivela.”

Fonte: Medeiros, 2018. p. 261

Na formação de adjetivos em “-nte”, assumimos que Γ P entra acima de vP e a estrutura verbal é a mesma dos inacusativos, pois não ocorre inserção do núcleo Voz. Em (46), propomos uma estrutura para “água fervente” – igual à de “sol nascente” em (44).

(46) “Água fervente”



A operação de identificação de eventos, que ocorre com os núcleos v e X em ambas as estruturas, não poderia acontecer caso XP denotasse um estado-alvo e vP um evento. Tal operação se aplica de acordo com a proposta de Medeiros (2018), que desenvolve ideia apresentada por Kratzer (1996), com as condições em (47). Ao identificar os eventos, diminui-se o número de variáveis de evento dentro do vP.

- (47) “O evento e_1 será idêntico ao evento e_2 se: (i) *as duas eventualidades em questão forem de mesmo tipo acional – ou seja, se uma delas for um estado e a outra for um evento, ou uma delas for uma culminação e a outra um evento durativo, elas não serão idênticas*; (ii) *sempre que a raiz modificar v , haverá identificação de eventos entre o evento introduzido por v e o evento introduzido por Voz (...)*; (iii) *somente quando a raiz modificar X , o evento introduzido por v e o evento introduzido por X serão o mesmo, desde que não violada a restrição (i).*” (Medeiros, 2018. P. 258)

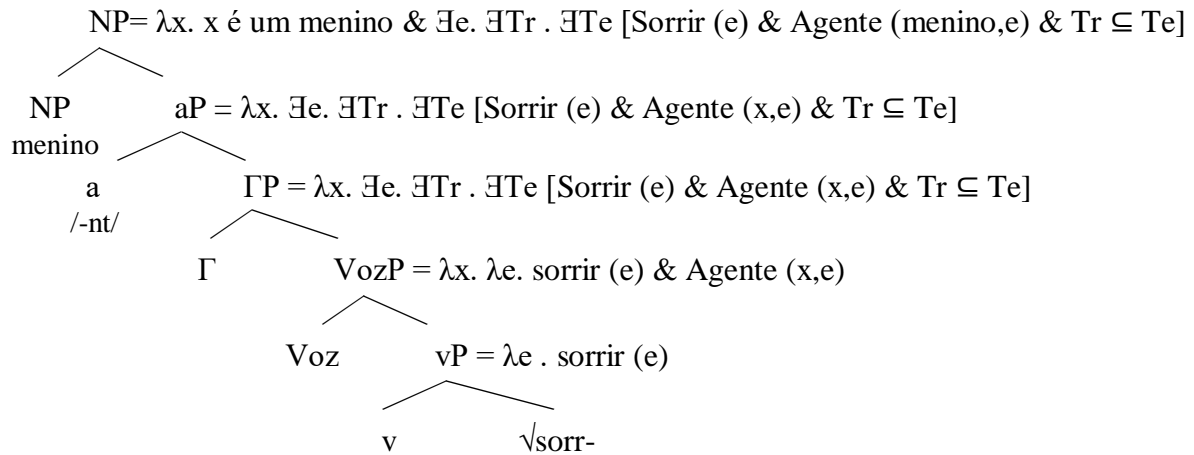
5.3 Estruturas inergativas

Para exemplificar a estrutura de adjetivos em “-nte” com verbos de base inergativos, trabalharemos com “menino sorridente”, recuperando o resultado da consulta registrado nas figuras Figura 6 e Figura 7. A seguir, repetimos os contextos inventados para a leitura de evento (48) e a de propriedade (48):

- (48) Contexto: Pedro está sorrindo quando chega na sala de aula. Seu amigo pergunta – Você **chegou sorridente** hoje! Quais as novidades?
- (49) Contexto: Luciana fala sobre seu novo namorado para sua amiga, comentando as qualidades dele? - Amiga, ele é **o menino mais sorridente** que eu já vi e tem um sorriso lindo!

A leitura de evento, aqui, possui representação similar à das estruturas inacusativas e alternantes em (44) e (46). A diferença reside na estrutura verbal interna a aP e Γ P. A raiz modifica diretamente o núcleo verbalizador, tornando a inserção de Voz obrigatória (Marantz, 2006; Medeiros, 2018). Assim, v P contém uma variável de evento, modificada pelo conteúdo da raiz e VozP introduz uma variável de evento – que se identifica com a inserida por v , de acordo com a condição (ii) em (47) – e uma de entidade, agente iniciadora do evento em questão. Concatenado a VozP, Γ P apresenta duas possibilidades aspectuais: imperfectiva ou genérica. Em (50), está a demonstração da derivação de “menino sorridente” com interpretação eventiva, assumindo a “versão imperfectiva” de Γ , expressa em (45).

- (50) “Menino sorridente” (evento)



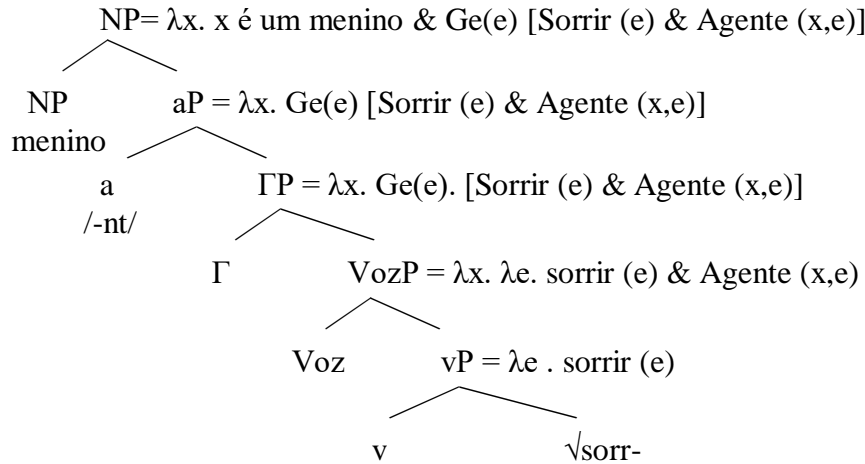
Na leitura de propriedade, encontramos uma interpretação genérica – ou “disposicional”, “geral”, “habitual”. Trata-se de “proposições que não expressam episódios específicos ou fatos isolados, mas que reportam algum tipo de “propriedade geral” (...) um tipo de generalização sobre eventos.” (Krifka, et al., 1995. p. 2, tradução nossa.). Em Krifka et al. (1995), os autores apresentam tais predicados como “caracterizadores”, em oposição aos “particulares”, os quais “expressam declarações sobre eventos específicos ou propriedades de objetos específicos” (Krifka, et al., 1995. p. 3, tradução nossa.).

O morfema Γ , então, terá a extensão proposta em (51), na qual o operador genérico representado por “Ge” quantifica o evento da estrutura verbal encaixada. Propomos, então, a existência de dois alossemas para Γ , sendo o imperfeito obrigatório no ambiente inacusativo, quando não há núcleo Voz envolvido. Uma vez que ambas as versões estão disponíveis nos contextos inergativo e transitivo, trabalhamos com a noção de alossemia à luz de Medeiros (2024), onde um mesmo ambiente sintático pode licenciar mais de uma interpretação para determinado nó.

$$(51) \quad \Gamma = \lambda f_{\langle e, \langle s, t \rangle \rangle} . \lambda x . \text{Ge}(e) . f(x)(e)$$

Assim, propomos a estrutura em (52) para “menino sorridente” com leitura de propriedade. Até VozP, trata-se da mesma derivação de (50). A inserção de ΓP caracteriza o evento como genérico, o que permanece na camada adjetiva, unida ao NP pela composição funcional, como nos exemplos anteriores – (44), (46), (52) e (50).

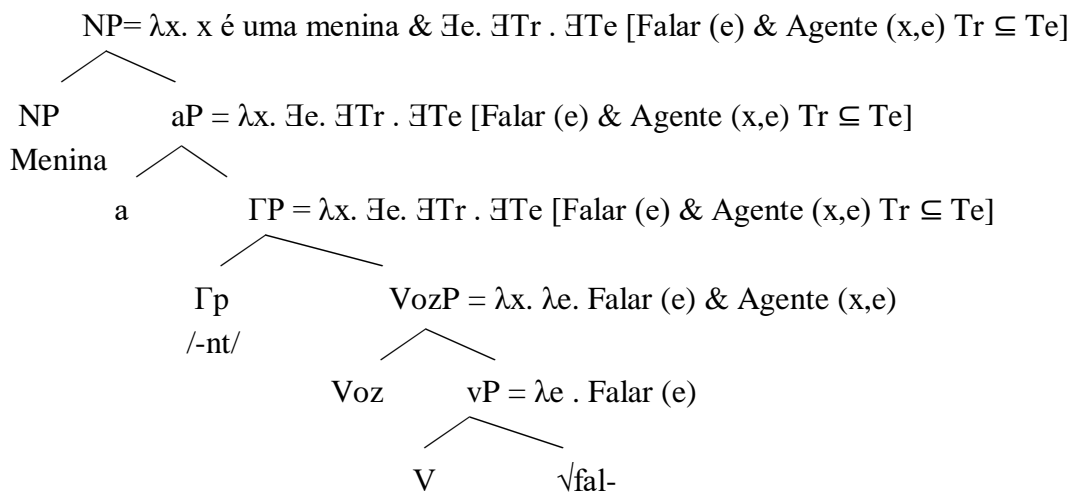
(52) “Menino sorridente” (propriedade)



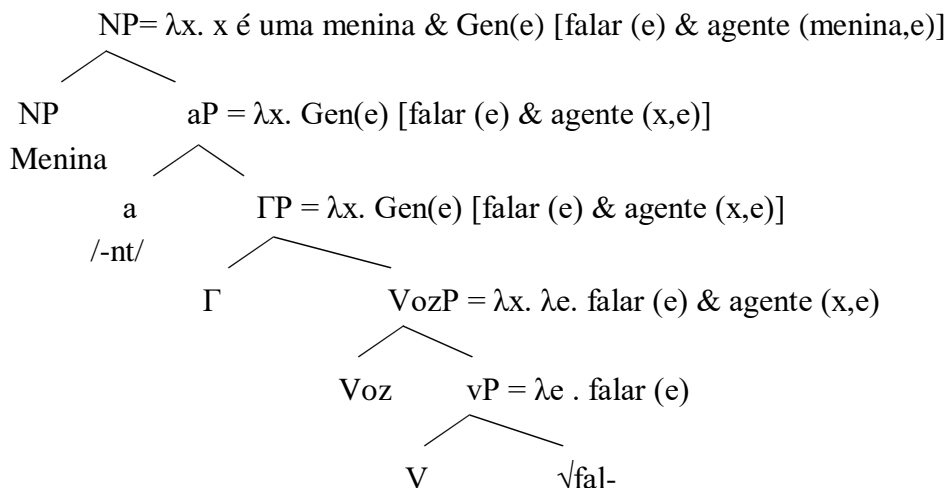
5.4 Estruturas transitivas

Os verbos transitivos investigados também apresentam ambiguidade entre as leituras dos adjetivos derivados, assim como os inergativos. As estruturas de “menina falante” podem ser visualizadas a seguir, em (53) , com leitura de evento em andamento, e, em (54), com a leitura de propriedade.

(53) “Menina falante” (evento)



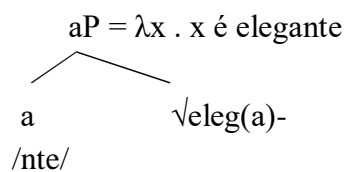
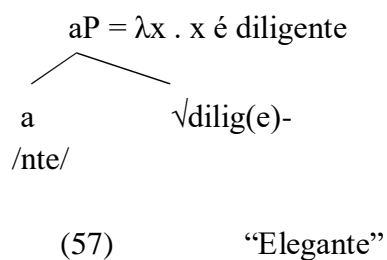
(54) “Menina falante” (propriedade)



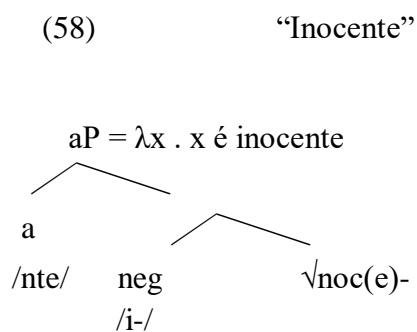
A raiz de “falar”, apesar de inserida em contexto inergativo em (53) e (54), costuma ocorrer em estruturas transitivas no PB. Com isso, é possível que o argumento interno apareça também no adjetivo em “-nte”. Em (55), por exemplo, vemos a representação de “menina falante de besteiras”. Destaca-se, aqui, a incompatibilidade da leitura genérica com um complemento quantificado, uma vez que esse verbo possui complementos que são temas incrementais – criados enquanto a atividade existe. A inserção de um complemento quantificado estabeleceria um ponto final no evento, discordando da interpretação genérica. Por isso, “falante de besteiras/verdades” é mais aceitável que “falante da besteira/do segredo/da verdade”⁶.

(55) “Menina falante de besteiras”

⁶ Quando alguma língua é complemento de “falar”, não há um tema incremental, criado na ação de falar. Por isso, “falante de português/inglês...” é aceitável. Além disso, o argumento quantificado também é possível em estruturas com uma leitura de evento em andamento, como “Quem foi o falante daquela besteira que ofendeu todo mundo?”. Uma investigação mais profunda dessas possibilidades é um aspecto relevante para pesquisas futuras.



Destacamos, também, casos como “inocente”, em (58). Aqui, a raiz “noc-“, que forma, por exemplo, a palavra “nocivo”, é concatenada, primeiro, a um morfema de negação – realizado por $/i-/$. Essa estrutura é adjetivizada pelo nó expresso pelo sufixo “nte”. O mesmo ocorre, por exemplo, em “irreverente”.



6 Sobre os verbos psicológicos

Não se atemoriza de más notícias; o seu coração é firme, confiante no Senhor. (Salmos 112:7)

Os adjetivos listados nas terceira e quarta linhas da Tabela 1 são formados a partir de verbos psicológicos: agoniar, apaixonar, aterrorizar, amar, confiar, deprimir, emocionar, etc. São estruturas que, semanticamente, expressam estados mentais e/ou mudanças de estados mentais em entidades tradicionalmente chamadas de “experienciadores”. Apesar de, à primeira vista, essas formas parecerem possuir estrutura transitiva comum – “o filme emocionou a plateia” – elas têm sido estudadas por gerações de sintaticistas devido a seu comportamento singular. Além disso, as formas em “-nte” derivadas também apresentam particularidades, uma vez que, as formadas por verbos ObjExp, licenciam apenas a leitura de propriedade e são as bases aparentemente mais produtivas para esse sufixo no PB.

Na presente seção, portanto, olharemos mais atentamente para os adjetivos em “-nte” com verbos de base psicológicos. Isso será feito, em primeiro lugar, através da retomada das formas analisadas e da exploração da produtividade e possibilidades interpretativas destas. Em seguida, será realizada uma breve revisão de alguns trabalhos relevantes sobre verbos psicológicos, a saber, Belletti e Rizzi (1988), Arad (1998) e Landau (2010). Finalmente, desenvolveremos nossa proposta de representação das estruturas em questão.

6.1 Produtividade e leituras

Em nossa divisão dos adjetivos em “-nte” pelo tipo de suas bases, mantivemos a separação entre psicológicos sujeito experienciador (SubjExp) e objeto experienciador (ObjExp), explorada na literatura (ver Belletti; Rizzi, 1988). Observamos, então, que os SubjExp, como aponta Duffiel et al. (2004) para os participípios presentes do inglês, quase não formam adjetivos em “-nte”. Os poucos que conseguimos encontrar, no PB, estão listados a seguir:

(59) Amante, confiante, crente, tolerante.

Destes, “amante” e “crente” possuem forte interpretação idiomática associada, em formas nominais, “pessoa que se relaciona com alguém comprometido com outro” e “cristão evangélico”. No entanto, também é possível pensar em estruturas adjetivas com interpretações composicionais (“aquele que ama/ crê”), como em (60) e (61).

(60) As alunas são amantes das artes. (leitura de propriedade)

(61) As alunas estão crentes no bom desempenho na avaliação. (leitura de evento?)⁸

Em relação à interpretação, os adjetivos listados em (60) parecem ter comportamento semelhante aos adjetivos originados de inergativos e transitivos. Na posição predicativa, observa-se a leitura de propriedade em (62) e (64). Além disso, a tentativa de forçar leituras de estado, em (63) e (65), parece aceitável.

(62) A ginasta é confiante.

(63) A ginasta veio confiante de sua vitória.

(64) O chefe é tolerante a opiniões divergentes.

(65) O chefe chegou tolerante ontem.

Os psicológicos ObjExp, em contrapartida, são bastante produtivos na formação de adjetivos em “-nte”. As formas encontradas em nossa pesquisa estão listadas em (66):

(66) Agoniante, alarmante, angustiante, apaixonante, aterrorizante, atraente, cativante, chocante, comovente, convincente, deprimente, deslumbrante, eletrizante, emocionante, empolgante, estimulante, estonteante, estressante, excitante, fascinante, fatigante, frustrante, humilhante, importante, impressionante, inebriante, inquietante, instigante, interessante, intimidante, intrigante, irritante, marcante, paralisante, preocupante, provocante, reconfortante, surpreendente, tocante (=comovente), torturante, tranquilizante, viciante, vivificante

Tais adjetivos, em oposição àqueles em (59), parecem permitir apenas a leitura de propriedade, conforme se observa (67) e (68). A realização de consultas a falantes a respeito da aceitabilidade de tais interpretações é uma possibilidade para futuros trabalhos.

⁸ Por enquanto, estamos considerando eventualidades num geral na leitura de evento em andamento. Distinções entre estados e eventos podem ser exploradas em análises futuras. Aqui, a eventualidade do verbo “crer” é estativa, diferentemente de outros casos explorados até aqui (“falar”, “sorrir”, etc).

(67) O homem aterrorizante chegou.⁹

(68) ? O homem chegou aterrorizante.

Recuperando o resultado da consulta - figuras 18, 20 e 21 - percebe-se também que os adjetivos formados a partir de verbos psicológicos ObjExp apresentam maior resistência na aceitabilidade de argumentos internos, em comparação a outros transitivos. A sentença (69) foi a única julgada aceitável pelos falantes (58,7% completamente aceitável e 30,4% aceitável). (70) e (71) foram majoritariamente consideradas inaceitáveis.

(69) Conheça o novo **composto tranquilizante de ursos**.¹⁰

(70) **Homem aterrorizante de crianças** causa instabilidade no bairro.

(71) O pior de tudo é a normalização de um **discurso intimidante de minorias**.

6.2 Revisão da literatura

Em seu trabalho seminal de 1988, Belletti e Rizzi demonstraram que, apesar de os verbos psicológicos ObjExp parecerem idênticos a estruturas transitivas comuns, seu comportamento sintático é bastante diferente. No artigo *Psych-Verbs and θ -Theory* (Belletti; Rizzi, 1988), os autores analisam os verbos psicológicos do italiano e explicam o desafio que estes trazem às regularidades previstas na Teoria θ quanto ao mapeamento de papéis temáticos a posições sintáticas. Eles dividem esses verbos em três classes, observadas nas sentenças em (72). O verbo “temere” exemplifica uma estrutura com sujeito experienciador e objeto tema, “preoccupare” possui sujeito tema e objeto experienciador e “piacere” envolve um experienciador dativo e um tema nominativo, com as duas ordens permitidas (Belletti; Rizzi, 1988, p. 292).

(72) Gianni teme questo.

Gianni fears this.

Questo preoccupa Gianni.

⁹ A aceitabilidade de “homem aterrorizante” no PB, sem um argumento interno, pode ser verificada através de consultas online. Encontramos, por exemplo, a sentença “tudo indica que o tal **homem aterrorizante** é Ernesto” em <https://extra.globo.com/entretenimento/tv/coluna/2025/07/quem-e-o-homem-que-estela-teme-em-eta-mundo-melhor-misterio-comeca-a-se-revelar-na-novela.ghml>. Acesso em 14/10/2025.

¹⁰ É possível que “tranquilizante”, “calmante” e “relaxante”, ocorram mais como nomes no PB, fazendo referência a um tipo de remédio com tais efeitos. No entanto, a leitura adjetiva ainda existe.

this worries Gianni.

A Gianni piace questo.

to Gianni pleases this.

Questo piace a Gianni.

this pleases to Gianni.

(Belletti; Rizzi, 1988, p. 291-292)

Ao longo do trabalho, Belletti e Rizzi analisam principalmente o comportamento sintático da segunda classe acima - de “preoccupare”. Assim, eles reúnem diversas evidências empíricas que apoiam sua proposta de que o sujeito de “preoccupare” não é um “sujeito profundo” (Belletti; Rizzi, 1988, p. 295) e sim um segundo complemento que se move para receber caso. Os sujeitos de verbos como “preoccupare”, por exemplo, apresentam *falha na ligação de clíticos anafóricos*, em oposição a verbos como “temere” e outros transitivos. Ou seja, eles não conseguem estar ligados a anáforas dentro de seu domínio, como evidenciado em (73), abaixo.

(73) Gianni si teme.

Gianni himself fears

*Gianni si preoccupa.

Gianni himself worries

(Belletti; Rizzi, 1988, p. 295)

Para explicar esse e outros comportamentos sintáticos explorados no artigo, os autores propõem duas estruturas profundas diferentes para os verbos psicológicos. Na figura 23 observa-se que verbos da classe 1, como “temere”, teriam estrutura transitiva tradicional, enquanto verbos das classes 2 e 3, como “preoccupare” e “piacere”, envolvem sujeitos com papel temático de tema que se movem de uma posição original de complemento e objetos experienciadores que possuem *caso acusativo inerente* (ver Belletti; Rizzi, 1988, p. 333).

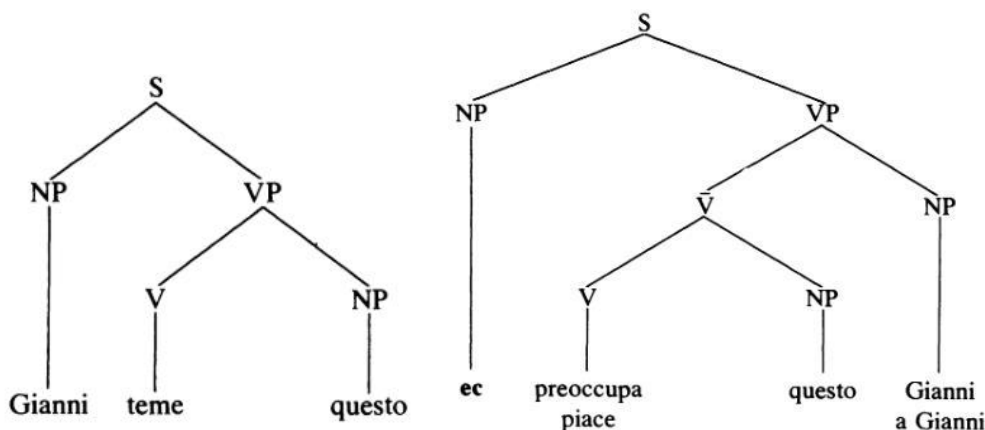


Figura 23 - Estrutura dos verbos psicológicos italianos
 Fonte: Belletti; Rizzi, 1988, p. 293

Em diálogo com Belletti e Rizzi, Maya Arad, em *Psych Notes* (Arad, 1998) defende que as peculiaridades sintáticas dos ObjExp existem apenas em sua leitura estativa. A autora aponta que esses verbos possuem três leituras possíveis, que se distinguem pela agentividade e pela mudança de estado. A *leitura agentiva*, em (74), possui um agente que age intencionalmente e uma mudança de estado no experienciador. Já a *leitura eventiva* ocorre quando algo causa uma mudança de estado mental de maneira não intencional, como em (75). Finalmente, a *leitura estativa*, exemplificada em (76), é a típica *leitura psicológica*: não há agente nem mudança, apenas um estado mental que existe diante da percepção de um estímulo.

(74) Nina frightened Laura deliberately / to make her go away. (Arad, 1998, p. 3)

Nina assustou Laura de propósito / para fazê-la ir embora

(75) The explosion / the noise / the thunderstorm frightened Laura. (Arad, 1998, p. 3)

A explosão / o barulho / a tempestade assustou Laura

(76) Blood sausage disgusts Nina. (Arad, 1998, p. 4)

Salsicha de sangue enoja Nina

Arad rejeita a proposta de “inversão” de Belletti e Rizzi (1988), na qual verbos psicológicos ObjExp teriam estrutura similar à dos inacusativos, com um gatilho/causa que nasce em uma posição mais interna e se move para a posição de sujeito em busca de caso estrutural - invertendo a ordem da estrutura profunda. A linguista postula uma estrutura de *VP-shell – concha larsoniana* (Larson, 1988) -, onde o VP é dividido em um domínio para o objeto/argumento interno - que pode passar por mudança, medir o evento, estabelecer telicidade, etc. - e em um para o argumento externo - associado a agentividade e causatividade.

Em tal análise, somente argumentos que participam do percurso temporal essencial ao evento aparecem no VP interno, lexical. Qualquer coisa externa pertence a um vP externo.

Para Arad, a distinção entre as leituras estativa e não estativa está no tipo de V que encabeça o sintagma. Na leitura não estativa, é *v*, projetando o agente/causa, em uma *vP-shell* típica. Já na leitura estativa, há uma *VP-shell lexical*, com um segundo núcleo V projetado. Não há um argumento externo, que estaria no spec de vP. Há uma *causatividade estativa*, sem mudança, pois o estímulo (sujeito) resulta em um estado mental ao ser percebido pelo experienciador (objeto). O estado mental é simultâneo à percepção do estímulo e só dura enquanto este também se mantém. Na figura 24, vemos a estrutura não estativa à esquerda e a estrutura estativa à direita.

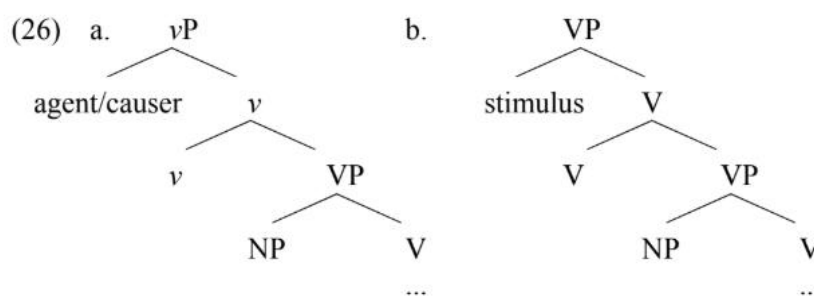


Figura 24 - Estruturas de vP-shell e VP-shell para os verbos psicológicos ObjExp
Fonte: Arad, 1998, p. 15.

Em *The Locative Syntax of Experiencers* (Landau, 2010), Idan Landau desenvolve uma nova proposta a partir da contribuição da literatura sobre verbos psicológicos, inclusive aquela presente nos trabalhos de Belletti e Rizzi (1988) e Arad (1998). O autor adota a divisão dos verbos psicológicos em três classes proposta por Belletti e Rizzi, a qual ele observa também no inglês, de acordo com os exemplos em (77), retirados de (Landau, 2010, p. 5-6).

(77) a. Classe I: Experienciador nominativo, tema acusativo

John loves Mary.

John ama Mary.

b. Classe II: Tema nominativo, experienciador acusativo.

The show amused Bill.

O show agradou Bill.

c. Classe III: Tema nominativo, experienciador dativo.

The idea appealed to Julie.

A ideia atrai a Julie.

Landau também aponta para as diferentes interpretações de verbos ObjExp e, como Arad (1998), defende que os *psych effects* - propriedades sintáticas relacionadas a experienciadores e exploradas amplamente na literatura - ocorrem apenas com a leitura não agentiva, ou estativa. Com exemplos do inglês, retomados em (78), ele mostra que os verbos da classe III são sempre estativos, enquanto os verbos da classe II são ambíguos, podendo aparecer em contexto agentivo (Landau, 2010, p. 6).

(78) a. *The solution is occurring to Mary right now.

a solução está ocorrendo a Mary agora

b. Bob (*deliberately) mattered to his boss.

*Bob (*intencionalmente) importa para seu chefe*

c. The noise is scaring Mary right now.

O barulho está assustando Mary agora

b. John embarrassed Maggie (on purpose/unintentionally).

John envergonhou Maggie (de propósito/ sem querer)

Ao longo do livro, o linguista explora em dados translinguísticos o potencial explicativo de sua intuição sobre as estruturas psicológicas, exposta em (79), a seguir.

(79) Experienciadores são localidades mentais, ou seja, locativos. Logo,

(a) Todos os objetos experienciadores são oblíquos (ou dativos)

(b) Experienciadores passam por “inversão locativa”

(Landau, 2010, p.6, tradução nossa)

Em sua análise, Landau defende que todo experienciador que não ocorre na posição de sujeito será dativo, ainda que não haja preposição expressa fonologicamente. Assim, os verbos da classe II teriam estrutura transitiva, com um *v* e um argumento externo introduzido por uma preposição nula \emptyset_P . Os verbos da classe III, por sua vez, são inacusativos, como proposto por Belletti e Rizzi (1988). Eles possuem um “tema” que consiste em um alvo/assunto - *T/SM*, *target/subject matter* (ver Pesetsky 1995). Em línguas como o BP, em que não há preposição independente marcando o caso dativo, tais experienciadores também seriam encabeçados por

Ø_ψ. As estruturas propostas por Landau podem ser visualizadas na figura 25, a seguir:

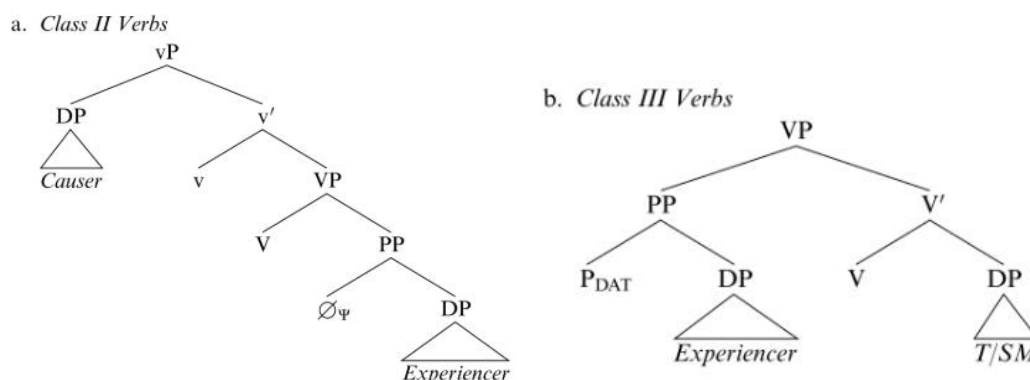


Figura 25 - Estruturas locativas para os verbos psicológicos
Fonte: Landau, 2010, p. 8.

Em um estudo dos ObjExp do Português Brasileiro, Cançado, Amaral, Meireles e Foltran (2024) analisam 170 formas verbais do PB e percebem que todas elas possuem a leitura estativa - como definida por Arad (1998). As autoras defendem, através da exploração dos dados, que os ObjExp do PB constituem uma classe verbal independente dos SubjExp e de outros verbos de mudança de estado. Para elas, utilizando o quadro da *Semântica Lexical*, classes verbais são definidas por propriedades semânticas que resultam em um comportamento - e estrutura - sintática particular. A partir de exemplos como os de (80), nota-se que tais verbos ocorrem em estruturas transitivas (a), em formas “inversas” (b) e permitem uma “passivização estativa” (estar + particípio) (c).

- (80) (a) A insistência do filho aborreceu a mãe.
 (b) A mãe se aborreceu com a insistência do filho.
 (c) A mãe está aborrecida com a insistência do filho.
 (Cançado, Amaral, Meireles e Foltran, 2024, p. 127)

As pesquisadoras propõem que os ObjExp do PB descrevem *estados complexos* “*stage-level*”. Evidências para a natureza estativa dessas formas são encontradas em testes aspectuais, como a aceitabilidade de “por x tempo” e não de “em x tempo”. Além disso, os ObjExp possuem interpretação de estado “*stage-level*” - temporalmente restrito -, enquanto os SubjExp expressam estados “*individual-level*” - não ancorados temporalmente, propriedades de indivíduos. Uma confirmação disso é a ocorrência de ObjExp com expressões como “ontem” e “todo dia”, em oposição aos SubjExp. Assim, verbos que indicam estados psicológicos

inerentes a indivíduos trazem o experienciador na posição de sujeito, enquanto aqueles com um estado mental dependente de um estímulo em determinado intervalo temporal o geram como sujeito.

Outra propriedade da estrutura de eventos dos ObjExp é sua *causatividade interna*. As autoras argumentam que esses verbos são tanto estativos quanto causativos, mas sua causatividade difere daquela observada em verbos de mudança de estado, por exemplo, pois trata-se de uma relação entre dois estados simultâneos. O estado psicológico é ativado quando a percepção do estímulo também é ativada, não havendo mudança de estado causada por um fator externo. Uma demonstração empírica desse fato é a possibilidade de ObjExp ocorrerem com *modalização irreal*, pois o causador não precisa ser um acontecimento real imediatamente anterior ao estado mental - como nos verbos de mudança de estado -, podendo ser apenas um pensamento na mente do experienciador, como em (81):

(81) *A possibilidade de cair uma chuva de granizo quebrou/abriu as janelas.

A possibilidade de se tornar apenas um instrumento de marketing preocupou ativistas.
(Cançado, Amaral, Meireles e Foltran, 2024, p. 139)

A proposta das autoras busca representar as propriedades observadas nos verbos ObjExp através de uma *estrutura de decomposição de predicados*, que mostra a relação causal interna entre os dois estados. 12 dos verbos analisados, no entanto, apresentam polissemia, podendo ter interpretações eventivas e agentivas, além da estativa. Concordando com Arad (1998), Cançado, Amaral, Meireles e Foltran apontam que, em tais leituras, as “psych-properties” desaparecem e a estrutura seria a mesma dos verbos de mudança de estado. Em (82), a seguir, está a estrutura atribuída a “preocupar”, “angustiar” e “entristecer”.

(82) Preocupar ‘worry’: [[X STATE] CAUSE_{internal} [Y <PREOCUPADO ‘worried’>]]

Angustiar ‘distress’: [[X STATE] CAUSE_{internal} [Y <ANGUSTIADO ‘distressed’>]]

Entristecer ‘sadden’: [[X STATE] CAUSE_{internal} [Y <TRISTE ‘sad’>]]

(Cançado, Amaral, Meireles, Foltran, 2024, p. 143)

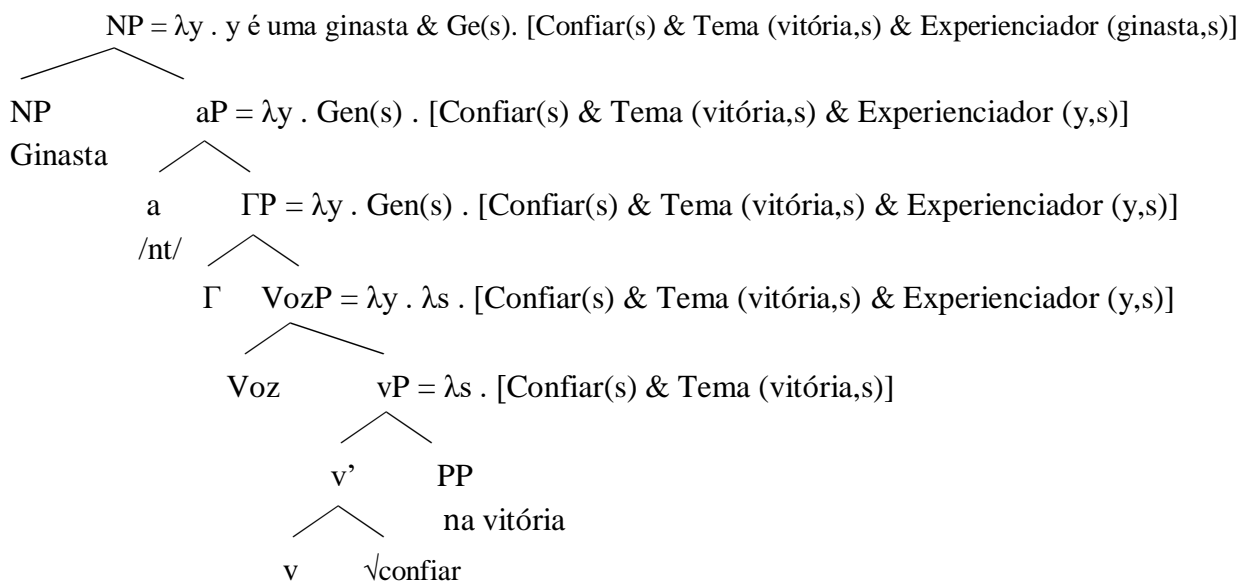
Destaca-se que, em verbos com leitura exclusivamente estativa, a entidade que ocupa a posição de sujeito nunca pode ser interpretada como um agente - ainda que se refira a um indivíduo humano. Em “o filho preocupou a mãe”, por exemplo, seria algo como um

pensamento na mente da mãe ou situação envolvendo o filho que causa a preocupação. Nesse caso, a causatividade é de fato fruto de uma propriedade interna ao experienciador: um pensamento ou percepção. Logo, em conformidade com alguns autores, as pesquisadoras defendem que esse tipo de sujeito seria mais “interno” à eventualidade do que entidades agentivas, podendo ser gerado internamente ao VP (como Arad, 1998).

6.3 Análise

Para os adjetivos derivados de verbos SubjExp, usamos uma estrutura que remete à proposta de Medeiros (2018) para predicados transitivos que denotam apenas uma subeventualidade. A raiz modifica *v*, tornando o núcleo Voz obrigatório. A interpretação estativa deve-se à eventualidade introduzida por *v* – identificada à de Voz, conforme as restrições em (47). O morfema Γ , então, pode quantificar esse estado como genérico ou imperfectivo, como evidenciado anteriormente nos testes de (62) a (65). Assim, a estrutura de “ginasta confiante na vitória” em (83) é semelhante à de “menina falante de besteiras”, em (55). Aqui, no entanto, a interpretação da estrutura verbal interna é de um estado de “confiar na vitória”, enquanto lá se tratava do evento de “falar besteiras”. Em (84), está a representação da leitura de evento em andamento para o mesmo sintagma.

(83) Ginasta confiante na vitória¹¹



¹¹ Aqui, consideramos uma interpretação habitual em que, em todas suas participações em competições, a “ginasta confiante na vitória” confia em sua vitória.

- (84) $[[\text{ginasta confiante na vitória}]] = \lambda y. y \text{ é uma ginasta} \ \& \ \exists s. \exists \text{Tr} . \exists \text{Ts} [\text{Confiar} (s) \ \& \ \text{Tema} (\text{vitória}, s) \ \& \ \text{Experienciador} (\text{ginasta}, s) \ \& \ \text{Tr} \subseteq \text{Ts}]$

Como explorado na revisão de literatura em 6.3, os verbos ObjExp do Português Brasileiro também licenciam um tipo de leitura estativa, mas estes possuem particularidades sintáticas e semânticas que os distinguem dos SubjExp e de outros verbos de mudança de estado (ver Cançado Amaral, Meireles e Foltran, 2024). Alguns verbos, como “irritar”, podem ser ambíguos entre uma leitura estativa, uma das possibilidades em (85), e uma eventiva ou agentiva, como em (86), nos termos definidos por Arad (1998). Na derivação de adjetivos a partir de tais estruturas, o sufixo “-nte” parece selecionar a leitura estativa.

- (85) Pedro irritou sua irmã por uma semana.¹²

- (86) Pedro irritou sua irmã em três minutos (de propósito).

Logo, assumimos, como Cançado Amaral, Meireles e Foltran (2024), que os ObjExp do PB - em sua leitura estativa - denotam *estados complexos* com uma *causatividade interna*. Trata-se de uma relação entre dois estados simultâneos: o estado psicológico e o estímulo que o ativa. Discordamos das autoras, no entanto, na representação mental desse conteúdo linguístico. Adotando uma visão não-lexicalista da Faculdade da Linguagem, a qual postula a Sintaxe como seu único componente gerativo, defendemos que tais informações não compõem entradas lexicais de verbos que projetam determinada estrutura. Entende-se, na verdade, que algumas raízes acategoriais ($\sqrt{\text{ocup-}}$; $\sqrt{\text{mov-}}$...) ou nomes (“terror”, “agonia”...) ocorrem em um contexto sintático que deriva tal interpretação de maneira composicional.

Em (88), propomos uma representação da derivação de “a notícia preocupa a mãe”, onde o núcleo X introduz o argumento experienciador e o estado mental, enquanto o verbalizador, acima, introduz o argumento externo, quantifica o primeiro estado e insere um segundo, causador do primeiro. A estrutura assemelha-se à que Medeiros (2018) apresenta para verbos com um estado interno causado por um evento em v, como “o biscoito esfarelou” reproduzido abaixo. Aqui, no entanto, a eventualidade causadora também é de natureza estativa. Além disso, os ObjExp não possuem um núcleo Voz, que introduziria um argumento agentivo. Captura-se,

¹² Aqui, pode haver tanto uma leitura de estado, em que o estado “irritado” da irmã é modificado pelo “por uma semana”, quanto uma leitura de evento, em que eventos de irritar se repetiram por uma semana.

assim, a intuição por trás da análise de Arad (1998), por exemplo, que aponta para “verbalizadores” diferentes responsáveis por projetar agentes/causas e estímulos.

(87) “A notícia preocupa a mãe”

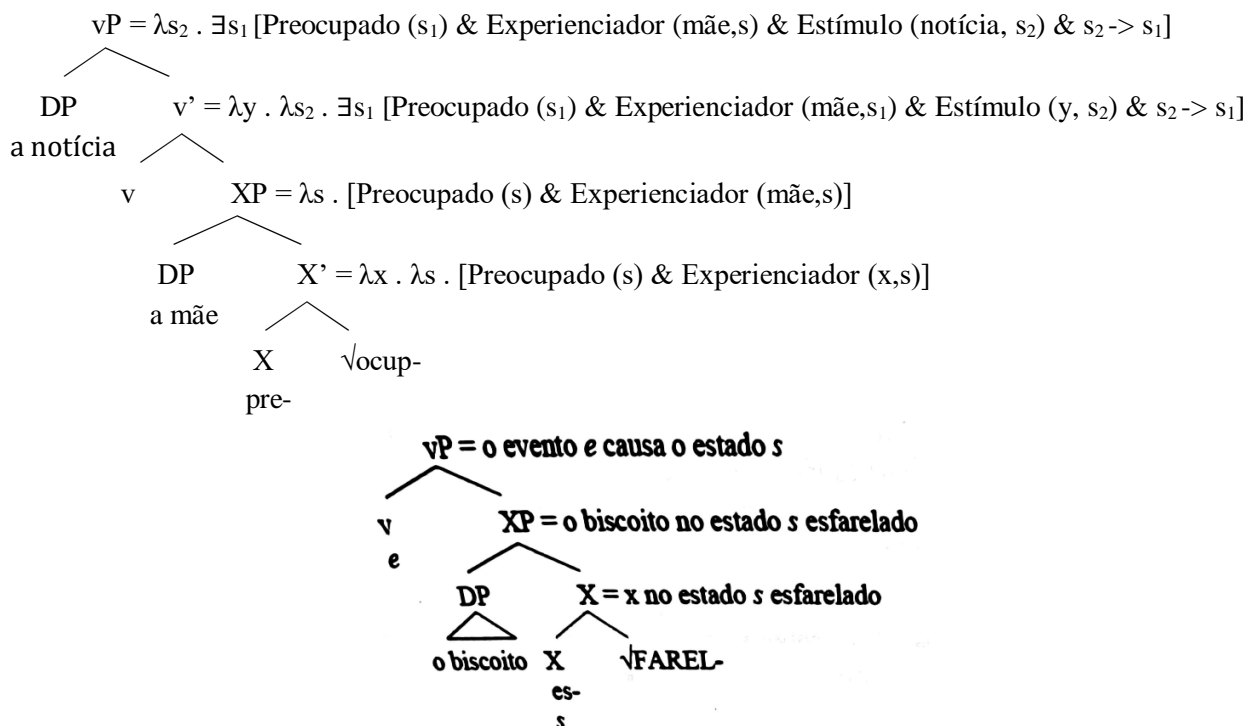
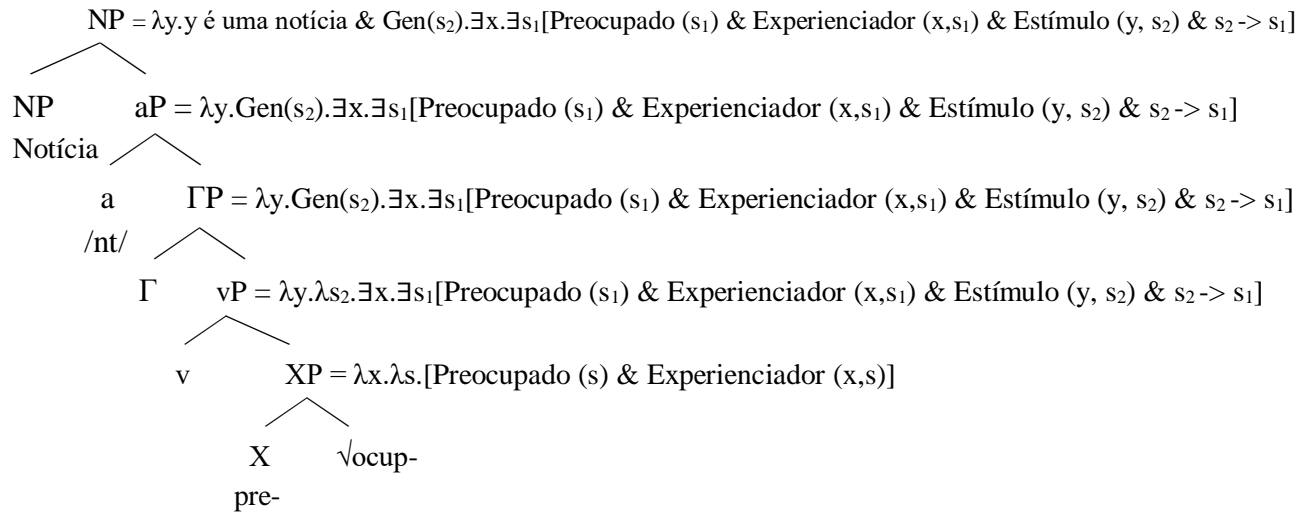


Figura 26 - Estrutura de "o biscoito esfarelou"
Fonte: Medeiros, 2018, p.260

Em (88), está a representação do NP “notícia preocupante”. Propomos que o quantificador genérico em ΓP força uma interpretação de v que quantifica a variável do complemento, como formalizado em (89). A ideia baseia-se em uma noção de alossemia contextual (ver Marantz, 2013; Medeiros, 2024) presente em nós funcionais como o morfema verbalizador. Nesse caso, o contexto sintático determina a escolha do alossema em (89), o que explica a impossibilidade (ou estranheza) do argumento interno expreso – *“(notícia preocupante de mulheres)” –, observada também no resultado da consulta, nas figuras Figura 20 e Figura 21 – “homem aterrorizante de crianças” e “discurso intimidante de minorias”.

(88) Notícia preocupante



(89) $[[v]] \leftrightarrow \lambda f_{\langle e, \langle s, t \rangle \rangle} . \lambda y . \lambda s_2 . \exists x . \exists s_1 [f(x)(s_1) \& \text{Estímulo}(y, s_2) \& s_2 \rightarrow s_1]$

7 Considerações Finais

Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão. (1 Coríntios 15:58)

Neste trabalho, investigamos o comportamento dos adjetivos formados com o sufixo “-nte”, no Português Brasileiro, à luz da Morfologia Distribuída. Apesar de sua origem latina remeter à desinência de Particípio Presente, defendemos que, no PB, tal sequência realiza um morfema categorizador – nominal ou adjetivo – que ocorre em contextos sintáticos variados. Assim, a entrada de Vocabulário que contém esse item relaciona-o ao traço [+N] em contexto de ΓP, um morfema aspectual que atribui à eventualidade da estrutura verbal um aspecto imperfectivo ou genérico. Além disso, o nó em questão também pode unir-se a raízes acategoriais, como em “diligente” e “elegante”, em (56) e (57).

Muitos fatores relacionados à semântica de adjetivos e verbos, como suas relações com graus e escalas (Kennedy; McNally, 2005) e acionalidade (Vendler, 1957), não foram explorados nessa breve análise. Outra questão em aberto é a possibilidade de que tal sufixo apresente uma restrição, não ocorrendo com estruturas verbais agentivas, hipótese a ser explorada em trabalhos futuros. Ainda assim, conseguimos descrever o comportamento desse morfema e a influência dos contextos sintáticos em que ele aparece, fortalecendo abordagens composicionais para o estudo de palavras morfologicamente complexas (Medeiros 2018; 2024). Através de uma análise formal e *sublexical* (ou “subatômica”, à luz de Parsons, 1990), foram representadas as diferentes interpretações de tais adjetivos, às quais se reduziram a algumas variações da estrutura verbal interna e da marcação aspectual.

Com isso, foi apresentado o início de uma pesquisa sobre adjetivos deverbais, inserida em uma grande investigação sobre as estruturas verbais e palavras complexas do PB e demais línguas naturais. Há muito a ser explorado futuramente, mas cremos ter respondido às questões iniciais que motivaram nosso estudo das formas em questão. Acreditamos ter contribuído para a compreensão desse fenômeno linguístico, com achados e propostas relevantes ao modelo teórico adotado e à literatura explorada.

REFERÊNCIAS

ARAD, M. Psych-notes. *UCL Working Papers in Linguistics*. v. 10, 1998.

ARMELIN, Paula Roberta Gabbai; NÓBREGA, Vitor Augusto. Lista 3: Enciclopédia. In: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (Org.). *Manual de morfologia distribuída*. São Paulo: ABRALIN, 2023. p. 129- 160.

BELLETTI, A.; RIZZI, L. Psych-Verbs and θ -Theory. *Natural Language & Linguistic Theory*. vol. 6, n. 3, aug. 1988. p. 291-352.

CANÇADO, M.; AMARAL, L.; MEIRELLES, L.; FOLTRAN, M. J. Psych verbs: the behavior of ObjExp verbs in Brazilian Portuguese. *Linguistics*, v. 62, n. 1, p. 121–158, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2022-0024>

CARVALHO, Janayna. Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída. In: SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (Org.). *Manual de morfologia distribuída*. São Paulo: ABRALIN, 2023. p. 193-221.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, The Netherlands: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge Mass: MIT Press, 1995.

DAVIDSON, Donald. The Logical Form of Action Sentences. In: N. Rescher (ed.). *The Logic of Decision and Action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967. p. 81–120

DUFFIELD, Nigel; KLEIN, Wolfgang; GOODLUCK, Helen; HEYCOCK, Caroline; LADD, Bob; MATUSHANSKY, Ora; PLUNKETT, Bernadette; SHAER, Ben; TRAVIS, Lisa. *Flying Squirrels and Dancing Girls: Events, Inadvertent Cause and the Temporal Anchoring of English Present Participles*. 2004.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latim-português*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962. Disponível em: <https://dicionariolatino.com/>. Acesso em: 21/05/2025.

FERREIRA, Marcelo. *Curso de semântica formal*. Language Science Press, 2019

HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics* 30, 1997, p. 425-439.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALLE, Kenneth; KEYSER, S. J. *The View from Building 20*. MIT Press, p. 111-176, 1993.

HARLEY, H.; NOYER, R.. Distributed morphology. *Glott International*. Volume 4, 4a

impressão, abr. 1999.

HEIM, I.; KRATZER, A. *Semantics in generative grammar*. Oxford: Blackwell, 1998.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale structure, degree modification, and the semantics of gradable predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Orgs.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, p. 109-137, 1996.

KRIFKA, M. et al. Genericity: an introduction. In: CARLSON, G. N.; PELLETIER, F. J (eds.) *The Generic Book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995. p. 1-124.

LANDAU, Idan. *The locative syntax of experiencers*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010.

LARSON, Richard K. On the Double Object Construction. *Linguistic Inquiry*, 19, 1988. p. 335-391.

LOPES, H. C. *A Sufixação por -nte de bases verbais sob a ótica da Morfologia Distribuída – introdução aos nomes*. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras: Português/Japonês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

MARANTZ, A. *Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events*, Hand-out, New York University, 2006.

MARANTZ, A. Locality Domains for Contextual Allomorphy across the Interfaces. In: O. Matushansky and A. Marantz (eds.), *Distributed Morphology Today: Morphemes for Morris Halle*. Cambridge, MA.: MIT Press, 2013. p. 95-115.

MARANTZ, A. No Escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4, issue 2, article 14, 1997.

MARANTZ, A. (1997). Sem escapatória da sintaxe: não tente fazer análise morfológica na privacidade do seu próprio léxico. Tradução de Gabriel de Ávila Othero e Maria Cristina Figueiredo-Silva. *ReVEL*, vol. 13, n. 24, 2015.

MEDEIROS, A. B. Compositionality in verbs and nominalizations: a (radically) formal approach. In: *Isogloss: 30 Years Distributing Morphology from North to South*, vol. 10, n.6, 2024.

MEDEIROS, A. B. Considerações sobre a estrutura argumental dos verbos. In: MEDEIROS,

A.B.; NEVINS, Andrew (org.). *O apelo das árvores: estudos em homenagem a Miriam Lemle*. Campinas: Pontes, 2018.

MEDEIROS, A. B. Formas nominais em -nte do Português do Brasil: uma análise sintática. *Revista do GEL* (Araraquara), vol. 7, 2010. p. 30-56.

MEDEIROS, A. B. *Traços Morfossintáticos e Subespecificação Morfológica na Gramática do Português: um estudo das Formas Participiais*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PARSONS, T. *Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

SILVA, Maria Cristina Figueiredo; MEDEIROS, Alessandro Boechat de. *Para Conhecer Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2016.

SCHER, Ana Paula; BASSANI, Indaiá de Santana; ARMELIN, Paula Roberta Gabbai (Org.). *Manual de morfologia distribuída*. São Paulo: ABRALIN, 2023.

SCHER, A. P.; MEDEIROS, A. B.; MINUSSI, R. D. Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída. In: In: NAVES, R. R.; SALLES, H. (Orgs.). *Estudos Formais da Gramática das Línguas Naturais*. Brasília: Cânone Editorial, 2011, p. 175-197.

VENDLER, Z. Verbs and times. *The Philosophical Review*, v. 66 n. 3 p. 143–160, 1957.